

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

LETRAS, ARTES E MEDIAÇÃO CULTURAL

**PONTE DAS TRANSVESSIAS:
TRANSMASCULINIDADES NO CURSO DO TEMPO**

SOL MARITA MISHYX

Foz do Iguaçu
2023

**PONTE DAS TRANSVESSIAS:
TRANSMASCULINIDADES NO CURSO DO TEMPO**

SOL MARITA MISHYX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras, Artes e Mediação Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Gastón Cosentino

Foz do Iguaçu
2023

**SOL MARITA MISHYX
PONTE DAS TRANSVESSIAS:
TRANSMASCULINIDADES NO CURSO DO TEMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras, Artes e Mediação Cultural.

BANCA EXAMINADORA

**Orientador: Prof. Dr. Gastón Cosentino
UNILA**

**Profa. Dra. Cristiane Checchia
UNILA**

**Prof. Dr. Fabio Guilherme Salvatti
UNILA**

Foz do Iguaçu, 01 de novembro de 2023.

TCC PRÁTICO - SOL MARITA MISHYX
UNILA-Universidade Federal da Integração Latino-Americana
2023

RESUMO

O presente memorial descritivo faz parte do podcast: "PONTE DAS TRANSVESSIAS: TRANSMASCULINIDADES NO CURSO DO TEMPO", apresentado como trabalho prático de conclusão de curso em Letras, Artes y Mediação Cultural. O texto funciona como uma deriva teórica e prática da pesquisa iniciada pelo docente Sereno S. F. Repolês que visa difundir parte destas reflexões através das redes virtuais, criando um "ciberespaço" de habla y escuta através desse formato de áudio. O desejo aqui é explicitar um pouco dos caminhos práticos y pessoais percorridos para que isso fosse possível. A partir de um aporte monetário vindo por meio de um edital se tornou viável desenvolver um projeto coletivo em uma equipe horizontal y transcetrada. Estivemos conversando com 6 pessoas transmasculinas com mais de 45 anos da região metropolitana de São Paulo, mapeadas por la pesquisa etnográfica, para la construcción de 4 episódios de aproximadamente 45 minutos cada. Sin la pretensión de resolver o responder as questões envolvidas às transmasculinidades ou à cultura kuir de forma mais ampla, charlamos sobre vários temas enfocando principalmente en aspectos involucrados a lxs corpxs trans dentro da nossa cultura cisheteronormativa y as intersecções entre a saúde y el tiempo que se desdobram por estxs cuerpxs. Finalmente, destacamos que el lenguaje inclusivo está incorporado al texto de este trabajo, además de la elección en transicionar y transitar por los idiomas português, español, portuñol, espagués, entre otros, buscando una tentativa de expresión disidente que transborda dx cuerpx y se manifiesta también en la escrita como una propuesta *interruqtiva*, desde la perspectiva de val flores: "[...] un deseo de molestar todo universo jerárquico de creencias. inversión de la mirada, giro del habla."

PALAVRAS-CHAVE

mediação cultural; transmasculinidades; envelhecimento; gênero; kuir.

RESUMEN

Este memorial descriptivo forma parte del podcast: "PUENTE DE LAS TRANSVESÍAS: TRANSMASCULINIDADES EN EL CURSO DEL TIEMPO", presentado como trabajo práctico final del curso de Letras, Artes y Mediación Cultural. El texto funciona como una derivación teórica y práctica de la investigación iniciada por el profesor Sereno S. F. Repolês, que pretende difundir parte de estas reflexiones a través de redes virtuales, creando un "ciberespacio" de habla y escucha por medio de ese formato de audio. El deseo aquí es explicitar algunos de los caminos prácticos y personales recorridos para que esto fuera posible. Por medio del apoyo financiero proveniente de la selección en una convocatoria se hizo viable desarrollar un proyecto colectivo con un equipo horizontal y transcetrado. Estuvimos conversando con 6 personas transmasculinadas mayores de 45 años de la región metropolitana de São Paulo, mapeadas mediante una investigación etnográfica, para realizar un podcast de 4 episodios de aproximadamente 45 minutos cada uno de ellos. Sem a pretensão de resolver ou responder a las cuestiones que rodean a las transmasculinidades o a la cultura kuir de manera más amplia, falamos sobre varios temas, enfocándonos principalmente nos aspectos relacionados com xs cuerpxs trans dentro de nuestra cultura cisheteronormativa e las intersecciones entre la salud y o tempo que se despliegan por estxs corpxs. Finalmente, salientamos que a linguagem inclusiva está incorporada no texto deste trabalho, assim como a escolha de transicionar e transitar entre os idiomas português, espanhol, portunhol, espaguês, entre outros, buscando uma tentativa de expressão dissidente que desborda dx corpX e também se manifesta na escrita como uma proposta interruptiva, na perspectiva de val flores: "[...] um desejo de perturbar todo universo hierárquico de crenças. inversão do olhar, torção do discurso".

PALABRAS-CLAVE

mediación cultural; transmasculinidades; envejecimiento; género; kuir.

ILUSTRACIONES

fig. 1 JENNY HOLZER *The Survival Series: Protect Me From What I Want* (NYC) /p.24

fig. 2 HILMA AF KLINT_FRAME DOCUMENTAL BEYOND THE VISIBLE /p.26

fig. 3 CAPA REVISTA CULT ED 290_JAN_2023 /p.29

fig. 4 FRAME DE JOGO IDEALIZADO POR VNS MATRIX_ALL NEW GEN /p.32

fig. 5 val flores, PAGINA DE Estas cosas ya no pasan (zine) /p.35

SUMÁRIO

RESUMO	p.4
RESUMEN	p.5
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	p.6
INTRODUÇÃO	p.8
PONTE DAS TRANSVESSIAS: TRANSMASCULINIDADES NO CURSO DO TEMPO	p.10
INTENTO	p.11
CULTURA // CONTROLE // cisCOLONIAL	p.13
"QUEM PRECISA DE IDENTIDADE?" X "APENAS PESSOAS TRANS TEM ID DE GÊNERO?"	p.21
GÊNEROS // DIVERSIDADE // NORMAL X PATOLÓGICO	p.25
TEMPO KUIR // [TRANS]ENVEJECER	p.33
[IN]CONCLUSION // UTOPIA	p.39
BIBLIOGRAFIA	p.41
FUENTES ILUSTRACIONES	p.44
ANEXO_EP 1 [ESPAÑOL]	p.45

INTRODUÇÃO

A questão trans, apesar de não ser considerada uma patologia de maneira mais ou menos generalizada, ainda é tratada com grande violência institucional, manifestada no lugar que ocupa no CID (classificação internacional de doenças)¹ como exemplo disso. Por ser um assunto que há pouco se expande, todavia no tenemos mucha información focada en el tema. Como forma de difusão de uma pesquisa etnográfica com foco em saúde e envelhecimento de pessoas transmasculinas, surge a ideia da criação desse podcast, um "ciberespaço" trans de fala e escuta para amplificação de conhecimento e possibilidades de acolhimento.

Através da mediação cultural, com a potência de poéticas diversas como a música, literatura e arte em geral surgindo como força aos "espaços para habitar", "âmbitos de resistência" y/o como "lugares de construção poética", surge o desejo de [re]inventar a linguagem e os sentidos buscando assim possibilidade de melhor aceitação social das pessoas transmasculinas nas comunidades em que vivem. e também possibilidade de futuras políticas públicas que beneficiem y garantam a [sobre]vivência, saúde e o envelhecimento com uma melhor qualidade de vida da população em questão.

A partir da interessante pesquisa etnográfica de doutorado em andamento de Sereno S. G. Repolês, que desenvolveu um mapeamento de pessoas transmasculinas com idade acima de 45 anos, trabalhamos juntas na criação dessa produção de áudio.

A escolha pela difusão da pesquisa em podcast se dá pelo seu vasto alcance já que, segundo pesquisa desenvolvida pelas instituições Statista e IBOPE publicada em artigo da revista *Exame* em 2022, o Brasil é o terceiro país do mundo que mais consome o formato, além de ser uma forma de difusão de baixo custo em comparação com outras formas de produção de conteúdo audiovisual.

Por meio de outras leituras de apoio e com uma equipe de produção transcetrada envolvida, vamos criar novos roteiros de entrevistas para as pessoas que já participaram da pesquisa levando em conta as interseccionalidades e contextos socioculturais que estão envolvidos.

¹ <https://icd.who.int/browse11/l-m/es#/http%3A%2F%2Fid.who.int%2Ficd%2Fentity%2F411470068>

As entrevistas serão gravadas, editadas y difundidas em 4 episódios com temáticas distintas, sendo o primeiro uma conversa introdutória ao termo transmasculinidades, disponibilizado a seguir via qrcode e transcrito em español no anexo.

O texto flui combinando algumas reflexões pessoais durante o processo de produção do podcast com apontamentos teóricos das influências culturais, sociais e políticas que encontrei durante as minhas pesquisas para desenvolver esse trabalho prático.

Interrompo o que seria apenas uma descrição ou revelação do processo para dar lugar a outras vozes, ademais dos entrevistados, que também me inspiram.

Essa deriva teórica transitará nas interações entre cultura, controle e a influência ciscolonial na construção das identidades, questionando conceitos preconcebidos sobre essas construções.

A ideia da multiplicidade de [identidades de] gêneros é colocada, confrontando as noções de normalidade e patologização.

Sem poder concluir alguma coisa, finalizo divagando sobre as temporalidades kuir, as especificidades sobre o processo de envelhecimento, as utopias desejadas e as realidades a serem enfrentadas.

Toda la parte escrita/teórica que pretende acompañar el presente trabajo se propone utilizar el lenguaje inclusivo utilizando "x" como forma de abrangência de las pluralidades del ser_estar_con, además de transicionar y transitar por los idiomas português, español, portuñol, espaguês, entre otros, numa tentativa de expresión [interrucción] disidente que transborda del cuerpx y se manifiesta también en la escrita.



**QR CODE EP 1_PODCAST PONTE DAS TRANSVESSIAS:
TRANSMASCULINIDADES NO CURSO DO TEMPO**

PONTE DAS TRANSVESSIAS: TRANSMASCULINIDADES NO CURSO DO TEMPO

EL ARTE DE PERDER
—ya profundizó E. Bishop²—:
Casas, amigos, países, amores, libros,
viajes...
Hasta que un día miras sin reconocerte
en los difusos bordes de lo que fuiste...

Aleyda Quevedo Rojas, *Jardín de Dagas*,
2014.

interrucción: modo poético de cortar una
conversación a la que no fuiste invitadx
pero de la que se es objeto de su dicción.
procedimiento afectivo de desconectar el
circuito del sufrimiento infinito. práctica
política de desmontar las convenciones de
lo escuchable. indisciplina de un saber que
irrumpe en las coordenadas del corpus
hegemónico del conocimiento. falla en la
serialización subjetiva en la que múltiples
vidas exigen pasaje perforando la lengua
del poder. deseo de molestar todo universo
jerárquico de creencias. inversión de la
mirada, giro del habla. intervalo provocado
por la implantación de un piquete de
problemas en la reiteración de un hábito
perceptivo o mental.

val flores, *interrucciones*, 2013.

² "UN ARTE - No es difícil dominar el arte de perder: tantas cosas parecen llenas del propósito de ser perdidas, que su pérdida no es ningún desastre. Perder alguna cosa cada día. Aceptar aturdirse por la pérdida de las llaves de la puerta, de la hora malgastada. No es difícil dominar el arte de perder. Después practicar perder más lejos y más rápido: los lugares, y los nombres, y dónde pretendías viajar. Nada de todo esto te traerá desastre alguno. He perdido el reloj de mi madre. Y, ¡mira!, voy por la última —quizás por la penúltima— de tres casas amadas. No es difícil dominar el arte de perder. He perdido dos ciudades, las dos preciosas. Y, más vastos, poseí algunos reinos, dos ríos, un continente. Los echo de menos, pero no fue ningún desastre. Incluso habiéndote perdido a ti (tu voz bromeando, un gesto que amo) no habré mentido. Por supuesto, no es difícil dominar el arte de perder, por más que a veces pueda parecernos (¡escríbelo!) un desastre." [Elizabeth Bishop](#) traducción de S. Abrams y J. Margarit [1994] 2008.

INTENTO

Sem acreditar que exista UMA verdade, um ser_estar_con, ruínas em constante construção, assim me sinto nesse momento pra iniciar a escrita.

Agradece, porém inconformado, experimento. Às vezes com coragem, muitas vezes com medo, mas experimentando em mim pra conseguir respostas que me levam a seguir um caminho.

Tentar enxergar outras alternativas, uma terceira ou quarta via onde a cultura neoliberal binária e a heteronorma me apresentam bifurcações - ou vias únicas.

Limitações aparentemente impostas onde o desejo - quiçá intuitivo - me permite "*interromper*". (val flores, 2013)

Nômade como las verdades, sem um apartamento em Urano, sem precisar de um quarto todo meu, peço licença, e com respeito a quem veio, virá e lerá, me debruço e me dedico a esse texto em un intento de expressar em palabras el proceso de práctica que se confunde con la vida.

A prática de um projeto que significa o término de um ciclo, mas que internamente não tem sentimento de final, mas sim, parte intermitente do que segue.

Algo que começa a partir de um vínculo previamente estabelecido em afinidade, não sei se eletiva, sei que estabelecida em afeto, reconhecimento y ganas de partilha.

Gosto do coletivo, não sei se por influência do que diz a astrologia ocidental sobre o meu Sol em libra, porém, o coletivo me contempla e me sinto bem em poder fazer esse trabalho de forma compartilhada.

São mãos, mentes, corpxs y seres envolvidos en los mesmos deseos y construcciones, intercambiando ideias y pensamientos.

Através de meu amigue Mari, tive conhecimento da pesquisa em andamento de Sereno e do desejo compartilhado entre elxs de fazer reverberar por outros caminhos essas vozes primeiramente escutadas apenas por Sereno para uma tese acadêmica.

Nos juntamos de forma virtual no final de 2022, já que estou em Foz do Iguaçu e elxs em São Paulo, para conversar sobre a possibilidade de fazer um podcast com o material da pesquisa. Porém, uma oportunidade de edital nos atravessou, fazendo com que esses planos se tornassem um pouco mais ousados a partir da entrada de recursos financeiros que possibilitariam novas gravações com equipamento adequado e com perguntas que fossem previamente pensadas pra tal difusão.

Tínhamos poucos dias, mas nos dedicamos a escrever o projeto pro edital que era voltado especificamente pra trabalhos acadêmicos com enfoque em envelhecimento.

Optamos pela inscrição na categoria com prêmio de maior valor onde nos possibilitava receber recursos para produtos audiovisuais onde poderíamos encaixar o podcast.

No começo deste ano, tivemos a devolutiva e fomos contempladxs pelo edital.

A partir daí resolvemos abrir um chamado para compor a equipe com outras duas pessoas que pudessem colaborar com o coletivo, principalmente para as questões audiovisuais, pesquisa e roteiro, já que a decisão seria que todes iriam colaborar em todas as etapas do processo mesmo com algumas funções principais.

Fizemos um questionário online pra essa seleção e divulgamos entre amigues e pelas redes sociais com foco em encontrar duas pessoas autoidentificadas como não brancas y trasmasculinas que estivessem dispostes a trabajar con nosotres.

Pra nossa surpresa, recebemos mais de 50 respostas, encontrando ahí nuestro primer desafio de esta producción: la selección de 2 personas entre tantas que se encajaban en la premisa.

Por las respuestas del cuestionario, elegimos algunas personas para charlar y sentir la fluidez con el colectivo.

Así, después de estas dinámicas, completamos el equipo del proyecto: Sereno S.G. Repolês, Mari Crestani, yo, Feliz Trovoada y Daniel Veiga.

CULTURA // CONTROLE // cisCOLONIAL

A colonialidade do poder [e saber] é um processo contínuo que se baseia na hierarquia racial - também de gênero e sexualidade -, na produção de uma consciência eurocêntrica e na dominação das bases de nossos conhecimentos. (QUIJANO, 2005)

Na busca por uma imaginada civilização, que seria uma trajetória em linha reta que sai de uma [suposta] "natureza selvagem" para uma [inventada] ascensão cultural moderna, através dos aparatos civilizatórios, nós, enquanto grupos socializados em países colonizados, buscamos sair de um imposto passado para um suposto futuro. Seguimos um discurso eurocentrado onde até nossas perspectivas cognitivas estão moldadas para servir aos colonizadores, consequentemente ao sistema capitalista, que só pode ser desenvolvido de forma global após a invasão e colonização do espaço que hoje é reconhecido geopoliticamente como as Américas (QUIJANO, 2005).

De alguma maneira acreditávamos [e ainda acreditamos] no conto do não-europeu primitivo, aquele que precisa evoluir e chegar até a Europa, "os subalternos", na verdade subalternizados, na história global pelos que exerciam e exercem a colonialidade do poder, essa invenção de relação hierárquica e unilateral.

Toda episteme, filosofia y práticas existentes antes da invasão de Abya Yala foi considerado inferior, mas esses conhecimentos e mão de obra vindos desse lugar, na verdade, foi o que deu a possibilidade de enriquecimento, capital e poder global aos auto declarados brancos (QUIJANO, 2005).

Como se fadados a aceitar a realidade e as identidades que nos foram dadas, muitas vezes seguimos colonizados, em "servidão voluntária", seres vivendo sua "micropolítica reativa". Entretanto, "(...) é tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos." (QUIJANO, 2005).

A pesquisadora Viviane Vergueiro usa o termo "ciscolonialidade" quando se refere à interconexão entre a imposição de normas de gênero cis e o colonialismo, afirmando que são "indissociáveis". E ainda diz que através das mortes de pessoas trans y travestis, esse sistema "ciscolonial" segue atuando em nossa sociedade. (VERGUEIRO; SEGATO apud VERGUEIRO, 2016, p. 264-265)

Situações sociais y religiosas que poderiam ser lidas enquanto práticas trans hoje em dia, já estavam presentes em Abya Yala sendo praticadas por povos originários e pela população afro-diaspórica, porém, tais condutas foram barradas e aos poucos "normatizadas" dentro do escopo que cabia ao sistema europeu. (VERGUEIRO; SEGATO apud VERGUEIRO, 2016, p. 266)

Suely Rolnik e Félix Guattari (1996) escrevem nos anos 80 textos onde propõem uma visão crítica da cultura e da sociedade, onde a transformação social é entendida como um processo que deve abarcar todas as dimensões da vida social, incluindo a cultura e a subjetividade. Busca-se um mapeamento da ideia de cultura e subjetividade que não se limita a uma visão homogênea e unidimensional da realidade, mas que considere as múltiplas formas de expressão e resistência que surgem a partir das margens e das periferias.

Apresentam uma visão crítica e transformadora da cultura, que pode dar início a uma viagem de possibilidades de transformação do ser e contra a conservação de qualquer ideia pré-concebida e/ou pré-estabelecida. Voar para múltiplas direções e não fixar em um único ponto.

A visão análise dxs autorxs em relação ao conceito homogêneo de cultura é importante para desnaturalizar as desigualdades e as hierarquias inventadas nas quais acreditamos e nos deixamos governar na sociedade colonizada.

A tese defendida é a de que a cultura deve ser compreendida como um processo dinâmico e em transformação, resultado das interações entre diferentes grupos e classes sociais. A cultura não seria um patrimônio a ser preservado, mas sim um campo de lutas e conflitos em que diferentes formas de expressão cultural disputam espaços e visibilidade. Além disso, xs autorxs argumentam que a cultura é parte integrante das relações sociais e econômicas, sendo influenciada pela lógica do mercado e pela ideologia dominante. Portanto, a luta pela transformação social não poderia se restringir à esfera cultural, mas deveria abarcar todas as dimensões da vida social.

A cultura seria um campo de luta e de construção constantes, atravessado por relações de poder e pelas tensões sociais, onde culturas marginalizadas e subculturas, que muitas vezes são desvalorizadas ou excluídas pela cultura hegemônica, têm um papel fundamental na construção de novas formas de fazer comunidade, que podem contribuir para a transformação social.

Suely Rolnik e Félix Guattari (1986) nos direcionam para uma busca de uma postura crítica em relação à cultura hegemônica e ao poder dominante que está sempre voltado para servir ao capital.

Penso que é possível ler como exemplo contra-colonial a potência das [sub]culturas kuir³ para a transformação social e promoção da igualdade e equidade, quem sabe uma "chave mestra que abre uma porta para mundos nunca antes vistos". (PRECIADO, 2020a, p.77)

Em Esferas da Insurreição - Notas para uma vida não cafetinada, Suely Rolnik (2018) analisa como xs corpxs, a natureza e as formas de subjetividade são exploradas e moldadas pelas relações de poder e dominação presentes na sociedade, incluindo as relações culturais e simbólicas.

Seguindo seu posicionamento crítico e decolonial, e com a ajuda dos saberes e língua guarani, a autora questiona as formas como a cultura hegemônica é produzida e disseminada, apontando para a necessidade de uma crítica das estruturas culturais que sustentam as desigualdades e opressões presentes na sociedade.

Suely Rolnik, além disso, propõe a criação de novas formas de cultura baseadas na liberdade, na experimentação e na "diversidade"⁴ que possam contribuir para a transformação social, destacando a importância das artes, da criação e das experiências coletivas como formas de resistência e de construção de novas subjetividades e formas de vida tekoporã - bela e boa em guarani.

Através de uma perspectiva psicanalítica e política, vemos como se propõe uma reflexão crítica e transformadora sobre as formas como as relações culturais e simbólicas moldam a subjetividade e a realidade social, além de novamente ficar evidente a importância da cultura como campo de luta e de construção de novas formas de vida.

Rolnik argumenta que a transformação social não pode ser alcançada apenas por meio de ações políticas e sociais, mas também exige uma mudança nas formas como pensamos, sentimos e nos relacionamos com o mundo.

³ estou chamando de kuir todas as pessoas y comunidades que existem, são e estão, em uma multiplicidade de gêneros y sexualidades fora da lógica cisheteronormativa binária, segundo Paul Preciado: "construindo subjetividades dissidentes".

⁴ Uso essa palavra aqui entre aspas por conta de seu uso problemático na sociedade capitalista neoliberal, e que pretendo explicitar posteriormente.

Talvez um dos caminhos para o que Suely Rolnik chama de micropolítica ativa esteja no pensamento de Glória Anzaldúa, intelectual chicana kuir que enxergou suas interseccionalidades e a partir disso direcionou seus estudos com a finalidade de criar uma nova consciência, *la mestiza*, combinar duas ou mais culturas, tolerar contradições e ambiguidades para o qual:

deve moverse continuamente, alejándose de las formaciones habituales; del pensamiento convergente, del razonamiento analítico que tiende a usar la racionalidad para avanzar hacia un objetivo único (un modo occidental) y acercándose al pensamiento divergente,' caracterizado por movimientos de alejamiento de los patrones y objetivos establecidos y hacia una perspectiva más total, una perspectiva incluyente más que excluyente.([1987] 2021, p. 136)

Anzaldúa, em seu texto "*Movimientos de rebeldía y las culturas que traicionan*" ([1987] s/d), deixa evidente que para chegar a esta nova consciência, foi preciso se rebelar e usar sua força, afinal, muitas vezes, para evitar a rejeição nos ajustamos aos valores culturais impostos.

Nossa tendência é seguir a conformidade por pensar que o desconhecido é mais assustador, seguir uma cultura hegemônica imposta tende a dar mais segurança, é colocado como mais estável e de certa forma lhe atribui um valor mais alto, algo melhor que a instabilidade, ponto que já penso ser parte do pensamento chamado ocidentalizado.

Acredito que, de uma forma ou de outra, tudo que vem depois do que temos agora é desconhecido. Seguindo ou não o que está imposto, nada podemos saber sobre como serão as coisas no futuro, as dúvidas e instabilidades sempre nos acompanharão.

Como parte dessa travessia decolonial, Glória Anzaldúa pontua a importância de ter abandonado sua casa, separar-se de sua família y pueblo para buscar a si mesma, esse alguém que esteve "enterrada bajo la personalidad que me había sido impuesta."

Para a intelectual temos dificuldade de diferenciar o que nos foi herdado, o que nos foi adquirido e o que foi imposto, e essa separação, romper de forma consciente com tradições opressivas e religiões, seria uma possibilidade para novas perspectivas. Sendo assim, teríamos inúmeras possibilidades depois de começar a agir ao invés de apenas reagir.

Num contexto geral, vemos uma crítica à lógica ocidental capitalista e ao neoliberalismo, e a afirmação que estes geram formas de subjetividades alienadas, propondo assim a criação de novas formas de vida e de subjetividades baseadas na liberdade, na solidariedade e na experimentação, tendo como possibilidade de [r]existência as práticas que nascem nas [sub]culturas kuir, que atuam também como um 'mediador cultural' e/ou 'facilitador transcultural'.

Dado que son los mayores cruzadores de culturas, los homosexuales tienen fuertes vínculos con los queers blancos, negros asiáticos, nativos, americanos, latinos y con los de Italia, Australia y el resto del planeta. Somos de todos los colores, de todas las clases, de todas las razas y de todos los periodos históricos. Nuestro papel es unir a las gentes unas con otras - a los negros con los judíos con los indios con los asiáticos con los blancos con los extraterrestres-. Es transmitir ideas e información de una cultura a otra.(p. 142-143)

Estamos passando por desafios inéditos onde os “dispositivos de poder [e vigilância]” (FOUCAULT, 1988, p. 47) usados não são mais tão eficazes. As paredes não mais aprisionam quando temos as redes que ultrapassam essas estruturas e nos colocam em contato com um mundo inteiro que parece à disposição na palma da mão. Para além da possibilidade de liberdade, temos como sugestão de Paula Sibilia que as redes na realidade estariam substituindo as paredes confinantes da era moderna, seria esse o mecanismo de poder da atualidade, elas seriam as amarras do indivíduo contemporâneo. Segundo a pesquisadora, na contemporaneidade, o uso da internet e redes sociais, transformou xs indivíduos de um caráter introjetado para um caráter mais voltado para o exterior, transformou x indivíduo da modernidade, que tinha a solidão como essencial pra construção da sua subjetividade, em um indivíduo contemporâneo que precisa estar online e ser visto, pra ser alguém.

Xs corpxs estariam agora sendo explorados por tecnologias mais eficazes que as paredes confinantes. (SIBILIA, 2005, p.26)

Com a chegada da internet o mundo e a potência que pareciam limitados, se tornaram ilimitados, dando uma ideia de corpxs ilimitadxs, talvez colaborando com uma fantasia de liberdade para qualquer experiência que se imagine.

Nossxs corpxs [y mentes] ciborgues, que traziam uma ideia de liberdade e horizontalidade, foram cooptados. Vemos a tecnologia nos transformar diariamente

em corpys funcionais ao mercado, corpys mais produtivos para alimentar o “cistema colonial-racializante-capitalístico” (ROLNIK, 2022).

Conforme nos trae el filósofo Byung-Chul Han: "Todavia, a otimização corporal significa muito mais do que mera prática estética. Os termos sexy e fitness tornam-se recursos econômicos que devem ser multiplicados, comercializados e explorados." (HAN, 2018, p.40)

A partir de Foucault, surge o termo biopolítica, que seria o regime vigente desde o século XVIII cujo intuito é disciplinar a população. Um conjunto de dispositivos e técnicas de conhecimento e poder cujo objetivo é preservar e expandir o controle sobre a população a partir da vida, dxs corpys. Essa abordagem está interligada com as mudanças políticas e econômicas ao longo da história, aos poucos tornando-se parte de todas as dinâmicas sociais (FOUCAULT, [1976] 1988, p. 130-134).

Segundo o autor: "Uma outra consequência deste desenvolvimento do biopoder é a importância crescente assumida pela atuação da norma, à expensas do sistema jurídico da lei." e "[...] sem a menor dúvida, foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dxs corpys no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos." Instituições como a família, igreja, escola y exército seriam alguns exemplos desse poder disciplinador que garantiriam "relações de dominação e efeitos de hegemonia" (FOUCAULT, [1976] 1988, p. 132).

Mesmo a biopolítica colaborando com o sistema capitalista, segundo o filósofo Byung-Chul Han (2018), ela não dá conta de explicar a dominação da população durante o "regime neoliberal, que, antes de tudo, explora a psique." (HAN, 2018 p.35) Para o pesquisador, o elemento big data possibilitaria a extração do "psicograma individual" e também coletivo para "expor e explorar a psique até o inconsciente". (HAN, 2018, p.36)

Segundo o filósofo P. Preciado: "O verdadeiro motor do capitalismo atual é o controle farmacopornográfico da subjetividade, cujos produtos são a serotonina, o tecnossangue e os hemoderivados, a testosterona, os antiácidos, a cortisona, o tecnoesperma, os antibióticos, o estradiol, o tecnoleite, o álcool e o tabaco, a morfina, a insulina, a cocaína, os ovulos vivos, o citrato de sildenafil (Viagra) e todo complexo material e virtual que participa da indução de estados mentais e

psicossomáticos de excitação, relaxamento e descarga, e também no controle total e onipotente." [...] "A indústria farmacopornográfica é o ouro branco e viscoso, o pó cristalino do capitalismo biopolítico" (PRECIADO, 2018, p. 42-43).

A feminista, bióloga e filósofa Donna Haraway, em 1985, escreveu o "Manifesto Ciborgue", uma crítica feminista em relação às transformações sociais e políticas do que é chamando ocidente. Podemos entender que umx corpux ciborgue é híbrido, um ser que foge da homogeneização. Para Donna Haraway, o ciborgue representa uma alternativa às noções dicotômicas entre natureza e ação humana. O ciborgue desafia essa distinção, incorpora elementos híbridos que transcendem as fronteiras entre natureza e tecnologia, corpux e máquina. A autora argumenta que a tecnologia e o sexo são categorias estratégicas que influenciam a relação do homem [cis] com a dominação da natureza. No "Manifesto Ciborgue", Haraway discute como a tecnologia pode ser usada como instrumento político, destacando como as noções de sexo e gênero moldam as criações tecnológicas que buscam dominar. E ainda critica os essencialismos problemáticos aplicados em identidades políticas que constituem um coletivo. "Com o ciborgue, a natureza e a cultura são reestruturadas: uma não pode mais ser o objeto de apropriação ou de incorporação pela outra. Em um mundo de ciborgues, as relações para se construir totalidades a partir das respectivas partes, incluindo as da polaridade e da dominação hierárquica, são questionadas." (HARAWAY, 2000, p. 39) e ainda segue: "Assim, meu mito do ciborgue significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades – elementos que as pessoas progressistas podem explorar como um dos componentes de um necessário trabalho político" (HARAWAY, 2000, p. 45).

Para Preciado (2008): "A noção de ciborgue proposta pela pesquisadora é a de que "o corpo no século XXI é um sistema tecnovivo, o resultado de uma implosão irreversível de binários modernos". Levando isso em conta, de acordo com a teórica, "tecnobiopoder" estaria mais adequado à contemporaneidade do que a noção de "biopoder" proposta por Foucault já que se trata de "poder e controle exercido sobre um todo tecnovivo conectado" (PRECIADO, 2008, p. 47).

Donna Haraway parece se preocupar com as transformações terrestres y com o poder da biotecnologia sobre os seres. Mais do que apenas alarmar, sugere que busquemos formas de conexões [mas allá de las tecnologías] que sejam parte dessa transformação na cena que vemos.

Para pensar a relação da liberdade dxs corpux e suas transformações

contemporâneas, podemos citar trabalhos dx artista transgênero Aun Helden que tem “o corpo como uma paisagem aberta na qual um órgão pode dar lugar a qualquer outro.” (2019). Aun Helden (2019) teve fotos censuradas⁵ pela plataforma Instagram que alegou ser inapropriadas por uma suposta nudez, sendo que a imaginada exposição corporal seriam apenas próteses em látex, uso de uma tecnologia analógica pra criação de umx corpx onde os mediadores de conteúdo da empresa por trás do aplicativo Instagram leram como nudez. Temos aqui um bom exemplo desse novo dispositivo de controle atuando ativamente em contraposição com as possibilidades de liberdade dxs corpxs ciborgues.

⁵ <https://br.pinterest.com/pin/528680443756693956/>

"QUEM PRECISA DE IDENTIDADE?" X "APENAS PESSOAS TRANS TEM ID DE GÊNERO?"

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros.

POLLAK, 1992, p. 204

Es importante destacar el concepto de identidade que não é essencialista, mas estratégica e posicional. Que sugere as identidades não como únicas, e que operam através da exclusão, da construção discursiva da exterioridade constitutiva e da produção de sujeitos marginalizados, exilados do universo simbólico ou do representável. (HALL, 2008, p.108)

O sujeito iluminista era unificado e permanecia sempre o mesmo, pleno em si mesmo. O sujeito sociológico dialoga com a cultura e está em relação com o exterior do ser. Já o sujeito pós-moderno é composto por várias identidades, onde o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, e a ideia de identidade unificada e coerente é considerada fantasia.

A ideia de identidade do sujeito moderno está em transição para o sujeito pós-moderno. Não existe uma cultura unificada, mas sim um exercício de poder para realizar a unificação. O lugar de fala é determinado pela hegemonia, quem está no poder, grupos privilegiados, como brancos, heterossexuais, cisgêneros, etc. A partir daí, a identidade dxs 'Outrxs' começa a existir, e grupos representados erroneamente começam a questionar seu lugar e a própria identidade previamente definida. Pensando nas questões de identidades de gêneros [impostas a partir de um olhar ocidental y acidentalizado] que foram y estão sendo discutidas desde o século XVIII, podemos colocar como exemplo que a mulher cis seria x Outrx do homem cis para a escritora feminista Simone Beauvoir (1967, p. 9) e a mulher cis negra seria x Outrx dx Outrx para a filósofa y artista Grada Kilomba (2022, p. 82).

É necessário argumentar uma revisão desses discursos e narrativas hegemônicas anulando e denunciando o que não nos cabe. A linguagem muitas vezes opera em favor do sistema, mas a abertura do diálogo e da coexistência é fundamental.

As identidades antigas estão em declínio, as identidades puras não existem mais, elas fragmentam o indivíduo moderno e se constroem ao longo do tempo, através do deslocamento e da descentração, resultando na perda de si e do seu lugar cultural.

A noção de identidade está em constante disputa no mundo, y a construção da ideia das diferenças envolve a percepção de que diferentes pessoas pertencem a grupos específicos. No entanto, é um problema não equalizar os lugares políticos, pois as diferenças podem se cristalizar e se estruturar de forma hierárquica. A identidade essencializada surge quando x "Outrx" é categorizado por quem está no poder. O modo de vida do "ocidental" é considerado o padrão humano, o "normal", enquanto existe umx "Outrx" que é "subalternizadx", muitas vezes exotizadx, patologizadx e taxado "anormal".

Hall explora como as identidades são influenciadas por fatores sociais, culturais e históricos, muitas vezes politizadas para fins ideológicos. O título provocativo do texto "Quem Precisa da Identidade?", nos convida à reflexão sobre a relevância da importância da identidade conforme as circunstâncias individuais e sociais. Essa indagação me leva a conectar outro questionamento onde Mauro Cabral (2010, p. 220-221), teórico e ativista em questões de gênero, pergunta: "Apenas as pessoas trans têm identidade de gênero?". Ele desafia a separação entre identidades de gênero "normais" [cisgêneras] e "não normais" [transgêneras] ao argumentar que todas as pessoas têm uma identidade de gênero.

A "normalidade", em contraste com o patológico, muitas vezes perpetua relações de poder que podemos ler como machistas, genocidas, racistas e xenofóbicas, um conjunto de práticas coloniais y colonizadoras.

A teórica Judith Butler ([1990] 2003) argumenta que a instabilidade, ambiguidade e indeterminação são ferramentas para desestabilizar os binarismos. A performatividade desloca o foco da identidade como algo fixo para o processo de tornar-se. Considerando aqui a afirmação de Beauvoir (1967) que ativa o movimento feminista da segunda onda: "Não se nasce mulher. Torna-se." Isso rompe com a lógica de poder vigente. Ao criar performatividade, contribuimos para novos enunciados e possibilidades.

É necessário *interromper* constantemente os processos narrativos que reforçam as relações de poder para criar novas identidades e desafiar ideias rígidas sobre nós mesmos, criando assim novos mundos.

Podemos aqui aprender de forma contracolonial sobre a criação de novos mundos com aqueles que são especialistas nesta temática, os povos originários, como proposto por Ailton Krenak⁶.

Enquanto decupo a entrevista de um dos entrevistadxs penso que a transição pra mim é pra além de processo identitário, surge como tática de [sobre]vivência, "tecnotopia" de [r]existência, câmbios estratégicos como o exemplo da aranha⁷ que molda o material e estrutura da sua teia de acordo com o ambiente que está⁸. Mudanças que proporcionam outras perspectivas de sentir_pensar_viver, e que fazem parte de um *interruptivo* processo cultural que começou há muito tempo, talvez, como escreve Preciado, no:

surgimento de um regime pós industrial, global e midiático que a partir de agora chamarei farmacopornográfico. O termo se refere aos processos do governo biomolecular (fármaco-) e semiótico-técnico (pornô) da subjetividade sexual, dos quais a Pílula e a Playboy são dois resultados paradigmáticos. (2018, p. 36)

Entendo a importância de fazer parte de um grupo identitário, reforçar esse coletivo numa tentativa de unificar forças, buscar mais e melhores políticas públicas dentro de um sistema dito democrático, mas também penso nas problemáticas que o peso e a rigidez de uma identidade essencialista podem trazer.

Ouvindo e editando as entrevistas feitas pro podcast, penso também sobre os questionamentos que fazem entristecer algumas pessoas trans na busca por umx corpx que não se tem e demora a chegar [e se chegar], como a barba que não cresce, a cirurgia que ainda não é possível.

Estereótipos pautados em binarismos que ajudam a manter las lógicas pré-existentes, la ordem cisgênera y heterossexual.

"Você nem parece trans" escutou um dos entrevistadxs. O que significa afinal parecer ou não parecer trans? Existe um corpx trans "perfeito" então? X corpx trans

⁶ CONVERSA NA REDE - Partículas particulares - Ailton Krenak e Eduardo Viveiros de Castro, YouTube, 16 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wp5NlnNE4BI>

⁷As aranhas, os guarani e alguns europeus. Outras notas para descolonizar o inconsciente (Primeira parte). Disponível em: <https://www.revistaatlantica.com/primeira-parte-as-aranhas-os-guarani-e-alguns-europeus-outras-notas-para-descolonizar-o-inconsciente/>. Acesso em: 14 out. 2023.

⁸ Psicanalistas Que Falam. Episódio SUELY ROLNIK. YouTube, 12 de março de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y0SDyvf71kc>

dentro de um padrão hegemônico ocupa aqui o mesmo lugar dx corpX da mulher cis dentro de um padrão estereotipado e inalcançável?

A busca por umx "corpX trans perfeito" corresponderia ao "corpX cis padrão perfeito", voltar a viver na busca por um padrão inalcançável que tanto fugimos algumas pessoas sendo socializadas enquanto mulheres.

Ficam as mesmas inseguranças e buscas por padrões "estéticos", que agora se transformam [ou sempre foram?] em padrões também culturais. Encaixar-se em algum modelo heteronormativo e binário pode acabar sendo a motivação e desejo dos corpos trans, e penso que motivações e desejos também devem ser questionados.



fig. 1 JENNY HOLZER *The Survival Series: Protect Me From What I Want* (NYC)

GÊNEROS // DIVERSIDADE // NORMAL X PATOLÓGICO

O sexo-ciborgue restabelece, em alguma medida, a admirável complexidade replicativa das samambaias e dos invertebrados – esses magníficos seres orgânicos que podem ser vistos como uma profilaxia contra o heterossexismo.

(HARAWAY, 2000, p. 36)

Las preguntas etiológicas: ¿cómo se llega a ser homosexual? ¿tuvo la culpa papá o mamá?, son reemplazadas por la interrogación política: ¿cuáles son las causas de la normalidad heterosexual? ¿cuáles son los mecanismos de control y represión que aseguran que la heterosexualidad (con su ritual coreografía corporal y sus rígidas instituciones de relación y filiación) siga apareciendo como la única sexualidad natural? Ya no es cuestión de explicar qué es “el deseo homosexual”, sino de llevar a cabo un análisis detallado sobre las técnicas de domesticación, castigo y recompensa que hacen posible la regularidad estricta y calculada del “deseo heterosexual”.

(PRECIADO apud val flores, 2013, p.44)

É possível que exista a legitimação de corpxs, práticas e subjetividades dissidentes que fogem à norma a partir de uma identidade "outra", qual o discurso neoliberal da diversidade consegue abarcar de forma parcial, mas não vemos mais uma vez uma resolução no descontentamento e angústia de quem/do que está fora desse molde de hegemonia que segue sendo dominante e detentor de poder.

"A outra" identidade da qual você pode usufruir, qual te legitima um lugar na sociedade [ainda binária], também é padronizada e normativa, fazendo com que sua busca por uma aceitação do olhar dx outrx nunca termine. Um ser que foge às regras e hábitos de determinada cultura para o que está estabelecido naquele corpo naquela cultura, sempre sofrerá enquanto padrões y essencialismos seguirem sendo perpetuados.

Nosso ser não seria o problema para tais angústias [talvez vindas da subjetividade], mas sim o olhar dx outrx perante este ser que pretende "normalizar" e depois

validar. A chamada diversidade amplamente difundida de forma "democrática" não dá permissão para [qualquer] ser_estar_com.

Viviane Vergueiro inspira-se nos estudos pós coloniais y teoria kuir para propor a descolonização das identidades transgêneras, o que envolveria considerar e pensar sobre a cisgeneridade como um poder colonial; as identidades transgêneras y não-cisgêneras colonizadas pela normatividade cisgênera; o conceito de [des]colonização; y como esse conceito pode ser útil para analisar as opressões resultantes da normatividade cisgênero-colonial. (2012, p.2)



fig. 2 HILMA AF KLINT_FRAME DOCUMENTAL BEYOND THE VISIBLE

Cuando nascemos, ou até mesmo antes, somos designadxs com um chamado "sexo [biológico]", onde pela lógica hegemônica, uma parte dx su corpdx, geralmente órgão chamado genital ou genitália, será o que dirá o lugar que você poderá ocupar y conseqüentemente as funções que poderá exercer na sociedade de acordo com a cultura que se está inseridx, incluindo aqui também a questão do caminho relacionado ao desejo sexo-afetivo para o qual se supõe que se voltará.

Para que se exista de forma institucional e legalizada, todxs teníamos, [e em alguns lugares como a maioria dos estados do Brasil, aun tenemos], que tener un "sexo" binário definido entre feminino ou masculino porque este assim deverá estar asignado na certidão de nascimento, muitas vezes não existindo outras possibilidades.

A partir disso vemos uma normatização dxs seres que foi pré-definida por algumas pessoas que estão em um posicionamento de poder para exercer tal categorização y exclusão (WITTIG, 2006, p. 52).

Após os anos 60 e 70, as conversas e discussões teóricas voltadas ao feminismo se desdobram nos chamados estudos de gênero[s], onde existe vazão às ideias que deslocam a ligação entre sexo e gênero.

Conforme nos traz Preciado: "[...]A invenção do gênero como princípio organizador foi necesssaria para o surgimento e o desenvolvimento de uma serie de tecnicas farmacopornograficas de normatizacao e transformacao do ser vivo - como a fotografia dos "desviadx", o diagnostico celular, a analise e a terapia hormonais, a leitura cromossômica e a cirurgia transexual e intersexual" (PRECIADO, 2018, p. 121).

Judith Butler nos anos 90 nos sugere a teoria conhecida como "*queer*" [ou kuir quando deslocada para [conhecida como] América-Latina]. Uma separação entre sexo, gênero y sexualidade que explora como as identidades de gênero são moldadas e mantidas por meio de representações culturais y práticas sociais. Ela nos proporciona outros pensamentos ao questionar as noções tradicionais de gênero[s] y argumenta que o gênero não é uma característica inata, mas sim uma construção social realizada e repetida através de performance, "por meio da qual x sujeitx adquire inteligibilidade social e reconhecimento político" (BUTLER, 2003); (PRECIADO, 2018, p. 121).

Esse discurso teórico trouxe algumas transformações sociais e discussões intermináveis sobre a questão da identidade de gênero dentro da sociedade, algo antes visto apenas como "sexo".

Nos "Princípios de Yogyakarta"⁹ (VVAA, 2007), temos como definição de identidade de gênero:

como estando referida à experiência interna, individual e profundamente sentida que cada pessoa tem em relação ao gênero, que pode, ou não, corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo-se aí o sentimento pessoal dx corpx (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive o modo de vestir-se, o modo de falar e maneirismos (p.10)

⁹ Em 2006, especialistas em direito internacional dos direitos humanos de 25 nações diferentes se encontraram na cidade de Yogyakarta, Indonésia, para a criação de um descritivo destinado a garantir os direitos das comunidades LGBTQIAP+. Essa reunião deu origem ao documento conclusivo denominado: "Princípios de Yogyakarta".

Logo depois: "PRINCÍPIO 1: DIREITO AO GOZO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS; Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. Os seres humanos de todas as orientações sexuais e identidades de gênero têm o direito de desfrutar plenamente de todos os direitos humanos." (p.12) Mauro Cabral (2010, p. 220-221) pautando-se no documento de Yogyakarta argumenta que não lhe agrada o termo "identidade de gênero", onde parece que apenas as pessoas trans tem identidade de gênero e as pessoas cis tem gênero. Esse seria um dos discursos que vem da psiquiatria e que ao aderirmos entraram na lógica normativa e universalizadora. Podemos pensar que esse discurso normativo colabora na ideia de patologização trans. Tendo o referencial feminino-masculino [esteriotipado y normativo] como base, a lógica psiquiátrica colocaria as pessoas que se reconhecem nos gêneros biopolíticos mulher cis e homem cis, ou seja, pessoas cisgênerxs, como as pessoas mentalmente equilibradas y estáveis, enquanto as pessoas que não se identificam nessa lógica de ter o "sexo biológico" designado no nascimento como correspondente ao atual gênero como pessoas mentalmente transtornadas y desequilibradas, podemos compreender aqui não somente as identidades de gênero binarias de homens e mulheres trans, mas também as múltiplas possibilidades de identidades de gêneros y subjetividades dissidentes compreendidas fora desse binarismo.

Desde 2019, as pessoas trans deixaram de ser consideradas doentes mentais. O transtorno de identidade de gênero ou incongruência de gênero foi retirado da classificação internacional de doenças produzida pela Organização Mundial da Saúde, mas infelizmente a questão do processo de despatologização ainda é um grande tema, já que as pessoas trans estão incluídas e classificadas em um capítulo dedicado à saúde sexual no CID 11 da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde.

A vigilância médica sobre corpxs enquadrados nessa classificação é uma questão delicada, mas é o que assegura alguns direitos relacionados às modificações corporais de pessoas trans em determinados lugares. O aumento da visibilidade das pessoas trans é, por outro lado, interpretado socialmente como uma epidemia, sugerindo que ser trans é algo contagioso por meio das redes sociais, da mídia, da educação sexual e até mesmo pela existência visível de pessoas trans. Como resultado, a identidade trans é frequentemente associada ao patológico de maneira naturalizada, desconsiderando o fato de que essa patologização é mantida pelo

cissexismo normativo (Mauro Cabral, 2023)¹⁰ que "fazem continuar operando uma categoria cultural como categoria nosológica." (BENTO, 2010, p. 185-186)



fig. 3 CAPA REVISTA CULT ED 290_JAN_2023¹¹

Como nos traz Berenice Bento:

Em última instância, são as normas de gênero que contribuirão para a formação de um parecer médico sobre os níveis de feminilidade e masculinidade presente nos demandantes. Serão elas que estarão sendo citadas, em séries de efeitos discursivos que se vinculam às normas, quando se julga ao final de um processo se uma pessoa é um(a) "transexual de verdade". Não existem testes clinicamente apropriados e repetíveis ou testes simples e sem ambiguidades. O que assusta é perceber que tão pouco conhecimento dito científico gerou tanto poder. (2010, p.180)

Sabemos que, "constituir una diferencia y controlar es un acto de poder ya que es un acto esencialmente normativo, pero hay que ser socialmente dominante para lograr presentar al otro como diferente." (WITTIG apud val flores, 2013, p. 307)

¹⁰ DE BUENOS AIRES, T. S. DE J. C. A. Mauro Cabral - Lucha contra la Discriminación por Orientación Sexual e Identidad de Género. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=com2WokU4Ss>>. Acesso em: 14 out. 2023.

¹¹ fonte: dossiê. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/dossie-apresentacao/>>. Acesso em: 14 out. 2023.

Podemos entender que a ordem é estabelecida ao organizar a diferença. As normas de gênero[s], ao confinar a sexualidade em processos naturalizados de "generificação", alimentam a exotização, uma parte crucial do pensamento colonial. Toda variação em relação a essa suposta "normalidade cultural" é vista como exceção, algo raro. (GUACIRA LOPES LOURO apud val flores, 2013, p. 312)

Ouvindo xs transmasculinxs mais velhxs pude saber sobre como foi o processo entre algumas questões médicas vividas y experimentadas pelxs transcorpys de forma prática aqui no Brasil.

Desde 2006 se pode usar nome social para consultas no Sistema Único de Saúde y a partir de 2008 o processo transexualizador do SUS foi instaurado, dando a possibilidade de acesso a hormônios e cirurgias de afirmação de gênero de forma gratuita à população trans.

Naquele momento a questão trans estava ainda classificada como um transtorno mental dentro da classificação internacional de doenças. As condições para o acesso ao chamado processo transexualizador do SUS, ou seja, iniciar hormonioterapia e cirurgias pelo Sistema Único de Saúde, se dava após um acompanhamento de aproximadamente 2 anos com psicólogos, psiquiatras, endócrinos e outros médicos. Após passar por todo esse protocolo inicial, as pessoas trans teriam 2 laudos, sendo um médico e outro psiquiátrico, que afirmavam [ou não] sua necessidade de "transexualizar" [para empregar o termo conforme o SUS].

Uma das coisas mais chocantes foi saber do questionário de respostas SIM ou NÃO, chamado "teste da vida real", (BENTO, 2010, p. 168) - este mencionado por mais de uma das pessoas entrevistadas, onde umx psiquiatra perguntava sobre questões de comportamento e intimidade em relação a desejos sexuais e performatividade de gênero que estavam diretamente ligadas às normas heterossexuais, patriarcais y machistas onde era necessário concordar com tais normas relacionadas ao gênero com o qual se identificava, do contrário, as possibilidades de acessar hormônios e cirurgias eram poucas. O que vejo aqui é um processo de "producción de subjetividad uniformizante" (val flores, 2013, p. 310) onde o Estado, representado pelo SUS ajuda a moldar as subjetividades transmasculinas.

Ao longo do processo prático da construção do podcast, entre falas e leituras, fica mais evidente como o que se busca no "processo transexualizador" mais do que

escutar as necessidades das pessoas aqui entendidas como trans, é fabricar corpxs que se encaixem à lógica binária e heterossexual já pré-existente, na chamada cisheteronormatividade. Além disso, fazer funcionar e perpetuar a norma apoiando-se no discurso pró-diversidade LGBTQIAP+ sem necessariamente propiciar e consolidar um espaço acolhedor para uma escuta ativa e cuidado integral, este último sendo uma das maiores demandas da população em questão.

Según val flores: "Las políticas actuales que fomentan la aceptación de la diversidad implican que ciertas normas sexuales y de género continúen regulando los modos en que entendemos nuestra relación con el cuerpo, el placer, el deseo." Podemos entender que a partir das políticas de visibilidade da chamada "diversidade" está uma ordem visual hegemônica estabelecida onde não [r]exista nada que perturbe [ou *interrompa*].

As identidades políticas se entrelaçam com as sexualidades, agindo como moldes pré definidos que fabricam hábitos possíveis. As identidades LGBTQIAP+ são apresentadas como existências prontas para o consumo sob uma retórica conservadora y dessexualizada. (val flores, 2013, p. 315)

Ejemplos de esto serían las parejas monogámicas de gays o lesbianas que ya están aceptadas e incorporadas en la sociedad. Acceden al matrimonio convencional, pudiendo también acceder a la adopción de niñxs o compra de esperma y/o óvulos para fertilizaciones in vitro. Estas son prácticas [muchas veces incluso racistas cuando involucran la elección de fenotipos] (MOGROVEJO, 2014)¹², funcionales al sistema. Tais funcionalidades mantienen el status quo y sirven al capitalismo, así tienen apoyo del Estado bajo la difusión del discurso de la "diversidad" social.

Pero son muchas las cuestiones políticas y económicas involucradas entre nosotrxs, partidos políticos, iglesias, el Estado o otras instituciones de poder, así que se queda difícil estar siempre alerta y atentx a las trampas que nos rodean, nos gustaría a veces solo vivir, intentar la felicidad, poder disfrutar de lo que hay en el mundo.

Provavelmente fazendo uma alusão ao "contrato sexual" de Carole Pateman ([1988] 1993), a "contra-sexualidade" proposta por Preciado (2014) implica compreender "sexo biológico" e "gênero[s]" como cibertecnologias que alinhadas

¹² ¿Es la familia el núcleo de la sociedad?. Entrevista Norma Mogrovejo. (2014, September 25). https://www.youtube.com/watch?si=YFa6g4mHc_xx-fkv&v=1LTT2tPSgdq&feature=youtu.be

aos princípios da teoria kuir, possibilitam a subversão e *interromqem* as categorias de sexo, gênero[s] y sexualidade[s] além do binarismo heterocentrado. Nesse contexto, os hormônios sexuais como testosterona, estrógeno y progesterona, órgãos genitais y transformações sexuais são vistas pelo teórico como metáforas políticas. Ele argumenta que a definição e controle desses elementos não devem ser entregues ao Estado ou às instituições médicas y farmacêuticas heteronormativas, em sua resistência ao tecnogênero, afirmará: “Não quero o gênero feminino que me foi atribuído no nascimento. Não quero tampouco o gênero masculino que a medicina transexual me promete e que o Estado me acabará outorgando se me comporto bem. Não quero”. (PRECIADO, 2008, p. 107)

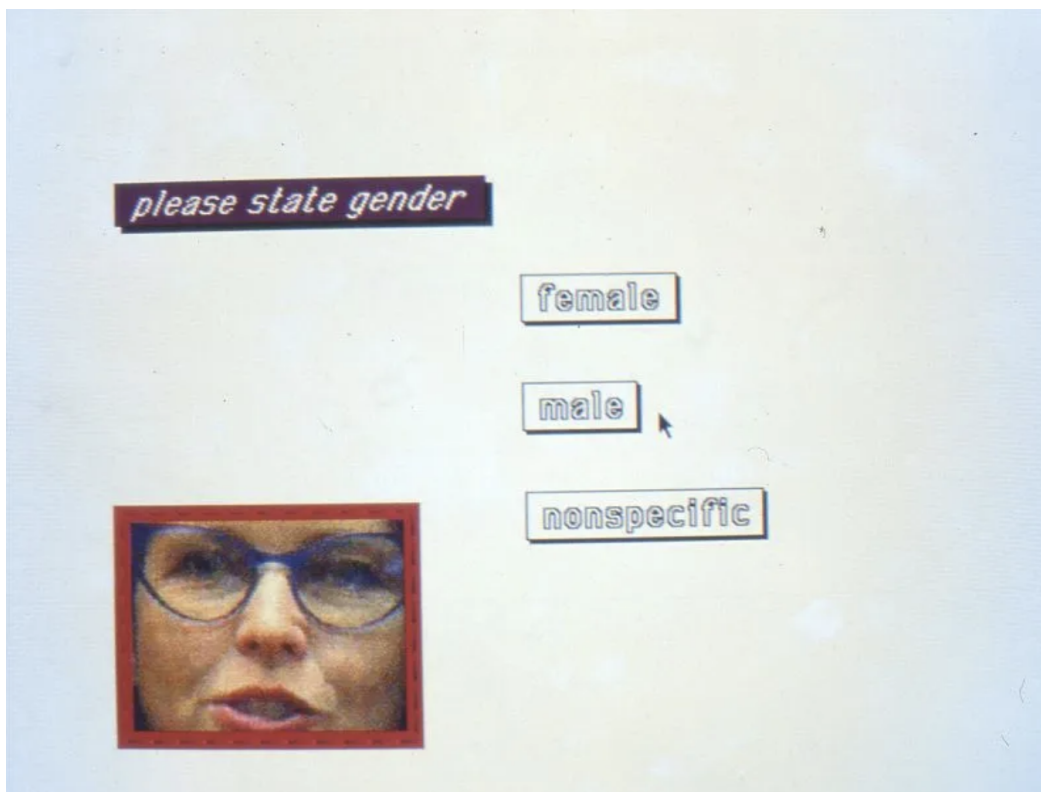


fig. 4 FRAME DE JOGO IDEALIZADO POR VNS MATRIX_ALL NEW GEN¹³

¹³ Fonte: Rackham, M. (n.d.). All new gen. VNS Matrix. Retrieved October 14, 2023, from <https://vnsmatrix.net/projects/all-new-gen>

TEMPO KUIR // [TRANS]ENVEJECER

A modernidade, nascida no século XVI como uma "invenção do Ocidente", transforma os modos de vida ao supervalorizar normas sociais e promover a busca incessante pela beleza, juventude e um futuro aprimorado. Essa mudança de paradigmas resulta na recusa radical do passado e na consolidação de valores associados à inovação e à juventude, gerando estereótipos negativos em relação ao envelhecimento. Na modernidade, o corpo individualizado destaca-se pela valorização da novidade, voltado para o prazer e livre exercício da sexualidade. No entanto, essa valorização também intensifica a desvalorização do corpo que transgride as normas sociais de feminilidade e masculinidade. As novas normas da modernidade impactam aspectos sociais, econômicos e culturais, influenciando a busca pela longevidade e perpetuando estereótipos negativos relacionados ao envelhecimento. As imposições morais, ideológicas e estéticas no corpo geram descontentamento coletivo, entrando em conflito com as verdades estabelecidas pela política, moralidade e a idealização do corpo jovem heterossexual. (COSTA, 2002; COUTO & KOLLER, 2012; DEBERT, 2012; GOLDENBERG, 2009; CEARÁ & DALGALARRONDO, 2010; COUTO, KOLLER, & SOARES, 2009; MEYER, 2012 apud FERNANDES et al., 2015) Na pós-modernidade, o olhar se afasta dos valores sociais específicos para abraçar uma visão descentralizada dos sistemas sociais. Há uma mudança no foco de interesse, agora centrado nas margens em vez do centro, valorizando o reconhecimento da multiplicidade de contextos vividos por sujeitos diversos e muitas vezes marginalizados, como os velhos, homossexuais, lésbicas, pessoas trans y travestis (BUTLER, 2008 apud FERNANDES et al., 2015) Constituindo um dispositivo que atua na construção da ficção de sujeito "normal", são incorporadas distinções relacionadas à idade, considerada uma categoria histórica e contingente, assim como gênero[s] e sexualidade[s]. (POCAHY, 2011 apud FERNANDES et al., 2015).

Cuántas són las veces que personas LGBTQIAP+ són invitadas a programas de tele o propagandas pró diversidad donde sus imágenes y voces hacen con que grandes empresas ganen más plata, pero a estas caritas expuestas, no les dán nada o casi nada por su tiempo y exposición con la excusa de que ya van a ser reconocidxs y

esto tendría que bastar. Un ejemplo más de la explotación de nuestros cuerpxs por el capitalismo neoliberal.

Además de la cuestión trans, nuestrxs entrevistadxs está dentro del marco social de la exclusión por la vejez y una de las propuestas del grupo, después de tener la plata del edital para este trabajo, sería poder pagar un valor adecuado a las personas por las entrevistas.

Las situaciones en que se encuentran algunxs de lxs entrevistadxs evidencia como lxs personas transmasculinas más viejas sufren un descaso social, principalmente las personas que estuvieron o están más involucradas con la militancia y/o dentro de movimientos sociales.

Personas que dedicaran su tiempo para que nuevas generaciones aprovechen la vida de forma más tranquila con sus subjetividades afuera de la norma heterocis y no hicieran una carrera laboral establecida o tampoco fortalecieran otros vínculos, como por ejemplo, formar una familia normativa, ahora adentran en la vejez con muchos problemas de salud física y mental que se agravan por la falta de empleo y renta, además de la cuestión de la soledad.

Así que es explícito que la situación del envejecimiento es distinto para cada persona y no podemos dejar de pensar en las especificidades del envejecimiento de las personas LGBTQIAP+.

Segundo estudo realizado entre 2009 e 2013, "É perceptível a ausência de publicações sobre gay, travestis, transexualidade, LGBT e velhice/envelhecimento." (FERNANDES et al., 2015, p. 21)

Apenas recentemente os estudos sobre envelhecimento foram reconhecidos no Brasil, especialmente na interseção com a sexualidade e prevenção de DST/AIDS, com um cenário nacional limitado. A partir dos anos 60, as ciências sociais y humanas, em colaboração com a gerontologia social, começaram a influenciar a realidade dos idosos, percebendo a conexão entre qualidade de vida e aumento da longevidade. Nos anos 70, houve um aumento nos estudos sobre a velhice no Brasil, antes dos quais os problemas enfrentados pelos idosos eram abordados de forma geral, com pouca ênfase na sexualidade como parte intrínseca do

envelhecimento. A parceria entre gerontologia e ciências humanas e de saúde permitiu uma nova compreensão das experiências na velhice, levando a revisões conceituais e discursos sobre saúde do idoso y sexualidade (GOLDENBERG, 2009; ALVES, 2010; DEBERT, 2012; ALVES, 2010; PEIXOTO, 2007 apud FERNANDES et al., p. 22).

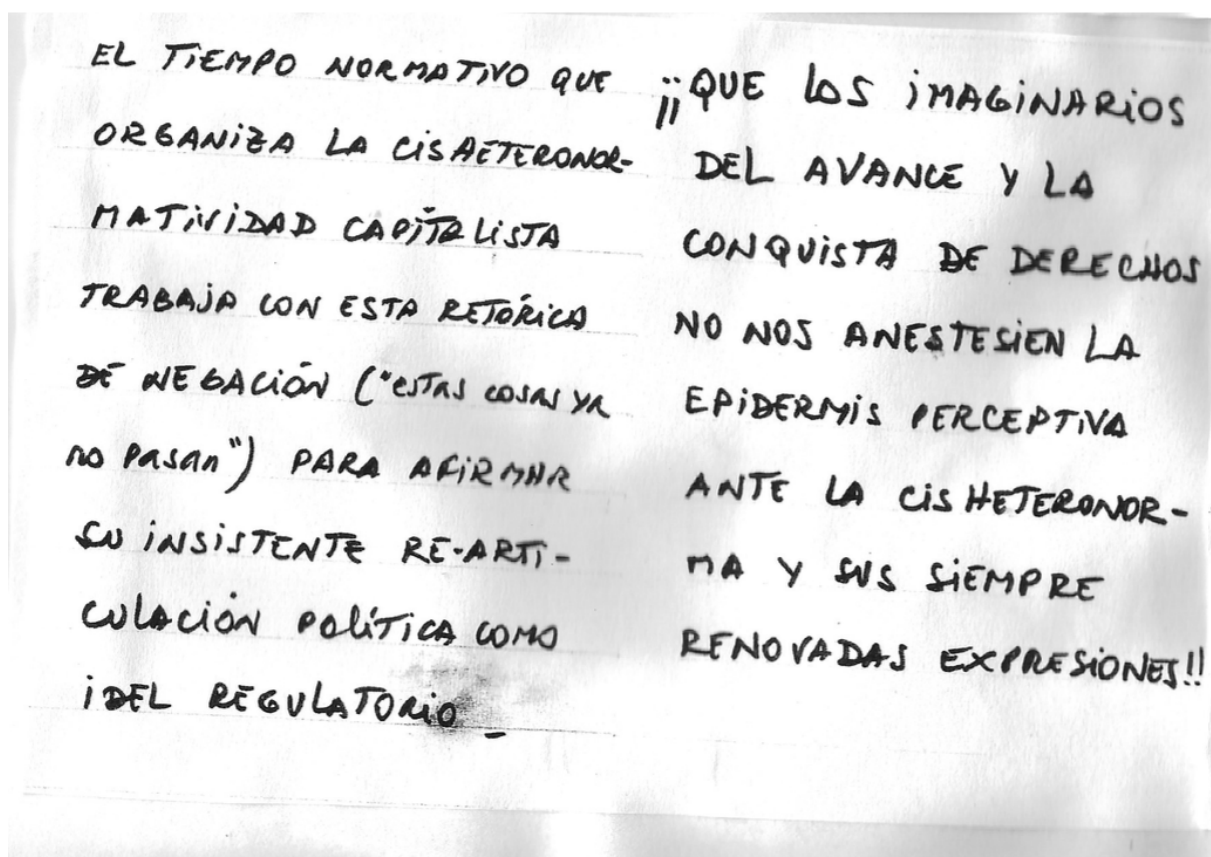


fig. 5 val flores, Estas cosas ya no pasan (zine).¹⁴

A idade cronológica nem sempre reflete a realidade funcional de muitos idosos ativos. Además de la falta de produção financeira contribuir para o estigma de inutilidade e negligência social, ao envelhecer, as pessoas enfrentam também desindividualização y perda de identidade, onde as experiências, desejos y sexualidades são frequentemente esquecidos. O padrão cultural não reconhece as

¹⁴ <http://escritoshereticos.blogspot.com/2023/03/fanzine-estas-cosas-ya-no-pasan.html>

perspectivas e ressignificações vivenciadas pelos idosos ao longo do tempo. (FERNANDES et al., 2015, p.24)

Dogmas e normas sociais contribuem para excluir e inferiorizar indivíduos que se identificam com a[s] comunidade[s] y/o identidades LGBTQIAP+ na velhice. Sendo estes frequentemente considerados profanxs, intensificando a discriminação culturalmente ligada à ideia de pureza e assexualidade nesse momento da vida. (BUTLER, [2008] apud FERNANDES et al., 2015, p.25).

A concepção de tempo y espaço kuir proposta por Jack Halberstam (2005) questiona o tempo "normal" da vida e da temporalidade na pós-modernidade. Ele pontua que atuar em cada período, em cada tempo, não é o mesmo para todxs.

Fora da cisheteronormatividade existe um chamado "tempo_espaco_kuir", onde ser kuir significa traçar seu próprio caminho mais que apenas indicar pra onde vai o desejo sexual. Além disso, manifestar também novos futuros de ser_estar_com que não estejam dentro dos roteiros já pré-existentes. Rechazar la reproducción burguesa, la familia, la longevidade de riesgo, seguridad y herencia, el espacio_kuir es la creación de las posibilidades de romper limites cisheteronormativos, oponerse al capitalismo y al tiempo organizado de forma hegemónica y común, la vida artificial donde tenemos una organización basada en trabajo_trafico_casa. (2005)

O roteiro da vida cisheteronormativa sugere que devemos ir a faculdade, depois temos uma casa, temos filhos, etc. A temporalidade kuir "*interrompe*" esse processo, se opõe à longevidade e as trajetórias normativas. (2005)

Quando entendemos no roteiro de vida cisheteronormativa a adolescência como a única zona temporal onde se permite exercer a criatividade, criação cultural y envolvimento com a comunidade, podemos dizer que a adolescência se estende para as comunidades kuir. Isso acontece porque existe um esforço real para manter a comunidade y vínculos nessas [sub]culturas, assegurando-se de que esses vínculos e junções, mantenham essas conexões e ampliem os limites das [sub]culturas através da criação de arte para expandir a identidade, etc. (2005)

Para que essas [sub]culturas se encontrem, é necessário ter resistência para enfrentar as instituições normativas y modos de vida que sempre sugerem uma reabilitação ou reinserção, como se o caso fosse patológico, possivelmente levando à vigilância e processamento daqueles que fogem da norma (2005).

Inclusive isso me faz lembrar um fato que pode ser um exemplo desse "destino cisheteronormativo". Logo depois de voltar pra universidade após um pouco mais de

3 anos fora, tendo Bolsonaro eleito e a pandemia dentro desse período uma professora me perguntou numa conversa informal nos corredores sobre qual seria meu projeto de TCC, e tendo em vista que não dei uma resposta conclusiva e passei algum tempo fora da universidade, ela logo me mostrou sua alternativa para manter o "foco", me sugeriu ter umx filhx, que isso era o que me faltava nesse momento da vida para não "perder-me".

Isso pode nos levar a entender a hipocrisia do discurso da sociedade quando falam da preocupação com a "comunidade". Afinal a família consanguínea é o ponto, a preocupação é com o biológico para manter a lógica de ter filhxs, trabalhar, etc. (2005). Sem contar aqui também os vínculos com outras espécies que podem ser tão potentes quanto as comunidades de pessoas humanas.

Podemos ver como a teoria kuir e a [sub]cultura kuir se relacionam, por exemplo, na cena drag king e na cena punk kuir. Essas manifestações culturais y eventos resistem à cisheteronormatividade e aos espaços normativos da vida, como a infância, adolescência, idade adulta, aposentadoria e morte. Isso abre espaço para a criatividade além da adolescência, promovendo um alargamento do que seria a adolescência cisheteronormativa na idade adulta. (2005)

Una de las personas entrevistadas evidencia esta situación, su vida no muestra la linealidad coherente que se pide en la norma, son muchos momentos donde todo empieza de nuevo, una vida cíclica. Estudió sociales, hizo parte de una banda de punk en los años 80, estuvo involucrado con el inicio del movimiento feminista, el inicio del movimiento LGBT, nos dijo: "no sé qué pasaba, cuando empezaban las cosas, ¡ahí estaba yo!". También se casó con una persona travesti cuando charlar sobre este tema todavía resultaba muy difícil, además estuvo privado de la libertad, empezó la vida con las hormonas, se puso a trabajar en el teatro como iluminador, después como actor, empezó a escribir guiones, ahora un libro.

Me acuerdo de que nos contó que el arte es uno de los únicos lugares donde podemos [r]existir. Con el arte y su familia interespecie mencionó que vive bien en la chacra que conocimos, elige estar alejado de la ciudad y de personas humanas.

Podemos ver uma situação problemática ao olhar da sociedade em querer "salvar" jovens kuirs antes de serem adultos. Normatizar as experiências dos jovens, apagar as possíveis experiências das pessoas para envelhecerem como kuirs y lidar com isso como algo que deve ser "tratado" são fatores que perpetuam a patologização das possibilidades de vidas LGBTQIAP+. (2005)

[IN]CONCLUSION // UTOPIA

As múltiplas expressões de gênero (sejam subjetivas ou performáticas) enfraquecem a noção de identidade de gênero e nos faz duvidar da competência dessa categoria como porto seguro para orientar estudos e militância sem nenhuma problematização. A desconfiança da categoria "gênero e "identidade de gênero" conforme apontada por Mauro Cabral (2010, p. 221), nos revela as armadilhas que temos caído ao lutar por uma "identidade de gênero" p. 93 [...] Se as identidades não são fixas tampouco determinadas pela natureza, quando esse debate transpõe os limites pessoais, ou seja, quando chega às portas das identidades coletivas, teremos que pensar como dar coerência no campo da disputa política a esta concepção nômade de identidade (BRAIDOTTI, 2000). Não se trata de explodir as identidades coletivas, mas perceber que a complexidade e fluidez que caracterizam as identidades não podem ser sufocadas em nome de um sujeito que estabilize (ou invisibilize) as diferenças. (BENTO, 2011, p. 107)

Vejo que a [sub]cultura kuir se torna uma *interrupção* no sistema cisheteronormativo, mesmo sem essa intenção [mas muitas vezes com]. Xs corpxs de subjetividades dissidentes são políticos e fazem parte de uma proposta de interação y câmbios culturais anticoloniais por todos os deslocamentos que provocam na estrutura hegemônica de poder.

Os exemplos de masculinidades vividos por subjetividades dissidentes, sejam transmasculinas ou não, são desafiadoras e podem ser uma resposta estratégica à masculinidade hegemônica violenta, podendo influenciar uma nova geração que habite possibilidades de masculinidades mais harmônicas entre todxs xs seres. (HALBERSTAM, 2005)

Parece imprescindível pensar em novas estratégias sociais además de las políticas públicas que impactam a realidade de pessoas LGBTQIAP+ no processo de envelhecimento, considerando as interseccionalidades entre gênero[s], sexualidade[s] y outros marcadores sociais tendo em vista as mudanças políticas y culturais na contemporaneidade, além dos avanços tecnológicos, mas sem

esquecer da busca por "la emancipación de la epistemología colonial". (GUHA, 1988 apud PRECIADO, 2006)

manifesto utopia [em constante construção] - buscando como viver uma utopia baseada no anarkismo relacional interespecies, longe da propriedade y do capital, pensei na pulverização dos gêneros, uma recusa às normas y condutas sociais binárias. que umx corpx seja umx corpx sem necessidade de uma classificação baseada em estereótipos que perpetuam hierarquias y desigualdades. que nenhumx corpx humano ou não humano, seja submisso. que não existam regras que limitem as vontades de ser_estar_com no universo, mas respeito entre os limites dxs seres de diferentes espécies que coabitam o mesmo espaço_tempo. que as necessidades y desejos não sejam criados a partir do marketing capitalista, mas da realidade vivida y sentida por cada indivíduox. que o consumo não seja combustível nem alívio. que cada corpx possa sentir suas reais necessidades momentâneas y não tenha que se privar por conta da moral ou do capital. talvez a rigidez dos gêneros dispersada no ar consiga destruir a estrutura que mantém a sociedade tal como é. que a decadente família cisheteropatriarcal seja desmembrada y que surjam cada vez mais novas formas de organização social construídas com base em afinidades y afetos

BIBLIOGRAFIA

- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La frontera: la nueva mestiza*. Madrid: Capitán Swing Libros, [1987] 2021.
- _____. *Movimientos de rebeldía y las culturas que traicionan*. Colección fruta: ensayos y otros experimentos. Puerto Iguazú: ediciones precarias, [1987] s/d.
- ARILHA, M.; LAPA, T.S.; PISANESCHI, T.C. (orgs.). *Transexualidade, travestilidade e direito à Saúde*. São Paulo: Oficina Editorial, 2010.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Vol. 2. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1967.
- BENTO, B. “Gênero uma categoria natural ou diagnóstica?” Em: ARILHA, M.; LAPA, T.S.; PISANESCHI, T.C. (orgs.). *Transexualidade, travestilidade e direito à Saúde*. São Paulo: Oficina Editorial, 2010.
- BENTO, B. Política da diferença: feminismos e transexualidades. *Stonewall*, 2011, vol. 40, p. 79-110.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1990] 2003.
- CABRAL, M. Relatoria. Em: Arilha, M.; Lapa, T.S.; Pisaneschi, T.C. (orgs.). *Transexualidade, travestilidade e direito à Saúde*. São Paulo, Oficina Editorial, 2010, p. 220-221.
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1966] 2009, p. 154.
- FERNANDES, J. et al. Gênero, sexualidade e envelhecimento: uma revisão sistemática da literatura. *Clínica & Cultura*, 2015, vol. 4, no 1, p. 14-28.
- flores, val. *Interruções. Ensayos de poética activista. Escritura, política, educación*. Neuquén: La Mondonga Dark, 2013.
- _____. <http://escritoshereticos.blogspot.com/2023/03/fanzine-estas-cosas-ya-no-pasan.html>
- _____. *Estas cosas ya no pasan*. La Boca: [fanzine]. Enero, 2023.
- FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade I*. Rio de Janeiro: Graal, [1976] 1988.
- GIORGI, G. (Org.). *Ensayos sobre biopolítica: excesos de vida*. Paidós: Buenos Aires. 2007.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUHA, Ranajit; SPIVAK, Gayatri Chakravorty (ed.). Selected subaltern studies. Oxford University Press, 1988.

HALBERSTAM, J. Jack; HALBERSTAM, Judith. In a queer time and place: Transgender bodies, subcultural lives. New York:: NYU press, 2005.

HALL, S. Quem precisa da identidade?. Petrópolis: Vozes, 2008.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: Ciência, Tecnologia e Feminismo-Socialista no Final do Século XX. Em: TADEU, Tomaz (Org.) et. al. *Antropologia do ciborgue. As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. *Seguir con el problema: Generar parentesco en el Chthuluceno*. Bilbao: Consonni, [2016] 2020.

MATOS, A. S. de M. C.; FREITAS, L. M. de. A mulher negra como "outro do outro" interseções entre gênero e raça em Grada Kilomba e Lélia Gonzalez. EM: Para potencializar o que veio, o que está aqui, o que ainda está por vir. (Des)troços: revista de pensamento radical, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 9–10, 2022. DOI: 10.53981/destroos.v2i2.39226. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadestrococos/article/view/39226>. Acesso em: 14 out. 2023.

NEGRI, Antonio. "El monstruo político. Vida desnuda y potencia". En. GIORGI, Gabriel; RODRÍGUEZ, Fermín et al. *Ensayos sobre biopolítica: excesos de vida*. 2007, p. 93-140.

ORGANIZACION MUNDIAL DE LA SALUD (OMS). Clasificación Internacional de Enfermedades, undécima revisión (CIE-11). <https://icd.who.int/browse11>. 2019/2021.

PATEMAN, C. O contrato sexual; tradução Marta Avancini, Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1988] 1993.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Revista estudos históricos, 1992, vol. 5, no 10, p. 200-215.

PRECIADO, Paul B. "Savoirs_Vampires@War"/ Saberes vampiros, War, Donna Haraway y las epistemologías cyborg y decoloniales. Multitudes, n. 5, 2006.

_____. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: edições n-1, 2014.

_____. *Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

_____. *Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia*. São Paulo: Zahar, 2020A.

_____. *Yo soy el monstruo que os habla*. Madrid: Anagrama, 2020B.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005.

REPOLÊS, S. G. Transmasculinidades e envelhecimento: perspectivas sobre cuidado e saúde. UNIFESP, 2023/2024 (no prelo).

_____. Tra(n)spassar conceitos: travessias transmasculinas e as noções de envelhecimento e saúde. UNIFESP, 2023.

ROLNIK, S. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, [2018] 2019.

SIBILIA, P. *El hombre postorgánico*. FCE-Fondo de Cultura Económica, 2005.

SOURIAU, É. *Los diferentes modos de existencia*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2017.

VERGUEIRO, Viviane. Pela descolonização das identidades trans*. In: VI Congresso Internacional de Estudos Sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH, 2012, Salvador, BA. VI Congresso Internacional, 2012.

_____. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L., orgs. *Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero* [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 249-270.

VVAA. International Commission of Jurists (ICJ), *Yogyakarta Principles - Principles on the application of international human rights law in relation to sexual orientation and gender identity*, March 2007, available at: <https://www.refworld.org/docid/48244e602.html> [accessed 16 September 2023]

WITTIG, M. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Trad. Javier Sáez y Paco Vidarte. Madrid: Egales, 2006.

FUENTES ILUSTRACIONES

fig. 1 JENNY HOLZER The Survival Series: Protect Me From What I Want (NYC) /p.

fonte: <https://www.iheartmyart.com/post/110600596833/evertestati-protect-me-from-what-i-want>

fig. 2 HILMA AF KLINT_FRAME DOCUMENTAL BEYOND THE VISIBLE /p.

fonte: <https://zeitgeistfilms.com/film/beyondthevisiblehilmaafklint>

fig. 3 CAPA REVISTA CULT ED 290_JAN_2023 /p.

fonte: dossiê. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/dossie-apresentacao/>>

. Acesso em: 14 out. 2023.

fig. 4 FRAME DE JOGO IDEALIZADO POR VNS MATRIX_ALL NEW GEN /p.

fonte: <https://vnsmatrix.net/projects/all-new-gen>

fig. 5 val flores, PAGINA DE Estas cosas ya no pasan (zine) /p.

fonte: <http://escritoshereticos.blogspot.com/2023/03/fanzine-estas-cosas-ya-no-pasan.html>

ANEXO_EP 1 [ESPAÑOL]

LOCUTOR 1 - SERENO

Como personas trans que ocupamos de alguna forma los espacios de muchas masculinidades, nos preguntamos qué contribuciones y saberes nos ofrecen los transmascullinos más viejos a las comunidades más jóvenes? Para entender estas cuestiones, invitamos a seis personas con más de 45 años y de diferentes contextos de vida, para conversar un poco sobre sus experiencias de envejecimiento.

¿Cómo nuestros entrevistados viven el envejecimiento? ¿Cómo los servicios de salud pueden volverse espacios más acogedores para estas personas? Estas y otras temáticas serán tratadas a lo largo de cuatro episodios de Puente de las transvesías: Transmasculinidades en el curso del tiempo. Un podcast totalmente creado y producido por personas transmascullinas, buscando aproximar nuestra comunidad a cada una que nos escucha. Al final, conocer aquellos que llegaron primero, escuchar, registrar y transmitir cada de sus historias y trayectorias también es un movimiento de promoción de justicia, de preservación de sus memorias y valorización de sus conocimientos.

Soy Sereno Sofi Repolês, acuariano rebelde, investigador, crecí em BH y me encanta el agua de coco. Te invito a buscar tu mejor trago preferido y entrar en esta conversación con nosotres.

LOCUTOR 2 - DANIEL

Atención: la opinión expresada por los entrevistados no representa necesariamente la opinión del equipo del podcast. Pedimos a nuestros oyentes que estén conscientes de los gatillos emocionales en las discusiones de este episodio y que cuiden de su bienestar emocional mientras lo escuchan.

ENTREVISTADO 1 - LEO MOREIRA SÁ

Hola, soy Leo Moreira Sá, actor, soy de piscis. Tengo 65 años y estoy en mi mejor momento. Nunca estuve produciendo tanto.

ENTREVISTADO 2 - LEO PAULINO

Mi nombre es Leo Paulino, tengo 53 años. Soy un hombre trans, geminiano.

ENTREVISTADO 3 - ALEXANDRE

Hola, mi nombre es Alexandre, tengo 46 años, soy un hombre trans. Soy del signo de libra con ascendente en acuario.

ENTREVISTADO 4 - CLAUDIO

Hola, mi nombre es Claudio, mi signo es de Virgo. Soy un joven señor de 50 años , en la flor de la edad.

ENTREVISTADO 5 - XANDE PEIXE

Bueno, yo soy Alexandre, pero todo el mundo me conoce como Xande Peixe, tengo 50 años, voy a cumplir 51 el mes que viene. Ah!, soy de cáncer.

ENTREVISTADO 6 - DANIEL

Mi nombre es Daniel, tengo 46 años, mi signo es tauro con sagitario. Importante, ¿no?

Lo que es una unión increíble.

LOCUTOR 3 - SOL M

1er Episodio: “Las muchas masculinidades y las que no lo son”.

ENTREVISTADO 1 - LEO MOREIRA SÁ

Una persona transmasculina es aquella persona que al nacer fue designada como mujer y ella es una persona que no se ade.... que no se adecua a cis normatividad. Cuando yo era niño que a los siete años, tuve que para la escuela y mi madre me puso una ropita, la pollerita y tal, y para mi fue un choque. Yo era del interior, yo no tenía conciencia y aquello lo afirmo. No, vos no sos..., vos una sos nena

Solo que cuando yo fui para la escuela, mi caminar, mi, mi forma, mi performatividad..... Aquella pollera me quedó ridícula y me convertí en un chiste, ¿entendés? Entonces, así fue que viví una infancia muy complicada. Yo me acuerdo de mi hermano, que después supe que era gay. Gay escondido, se casó, tuvo un hijo... Gay ... me llamó y me dijo así: ¿Sabés cuál es el problema, por qué se ríen de vos? Es porque la forma en que caminas está mal. Yo le dije: Entonces, ¿cómo es la forma correcta? Te juro, él me agarró y comenzó a caminar y mostrarme: Mira cómo tenés que caminar. Siempre fue ese mi caminar, que es una forma de caminar que es leída en nuestra sociedad como un caminar de hombre, masculino, ¿no? Y la forma, la forma de caminar femenina, es aquella que es leída como femenino, en fin.

Lo que él hizo fue... solo le faltó ponerse la pollera, y él me mostró, me mostró el caminar femenino, yo intenté hacerlo y él se murió de risa. Entonces así, yo no conseguí. Creo que las personas, personas trans son aquellas personas que no consiguen adecuarse al género, al género binario que es construido por nuestra cultura, que al final, es eso. Esta es mi visión, y cada una, cada una de las personas trans tiene una manera diferente de afirmarse, de afirmar su identidad. Entonces, ¿por qué nosotres también reproducimos esa, esa binariedad, inclusive hasta la misma heterosexualidad? Entonces, es así, las personas tienen que cuidarse. Hoy veo una nueva generación deconstruida, porque mi generación de diez años, o más, se fue deconstruyendo de a poco.

ENTREVISTADO 3 - ALEXANDRE

Yo siempre me reflejé en mi padre. Si eso es lo que vos querés saber, tipo....Yo medio, medio que era la sombra de mi padre, todo lo que él hacía. Mi papá era camionero, entonces todo lo que yo aprendí fue con él. Mi madre, mi mamá era medio reacia conmigo, por mi forma de ser, de manifestarme... Mi madre nunca lo aceptó, pero tampoco me discriminó. Ella miraba para otro lado. A mi papá nunca le importó eso. En fin, creo que es así, ¿no? No sé.

LOCUTOR 1 - SERENO

¿Entonces él era tu referencia?

ENTREVISTADO 3 - ALEXANDRE

Sí, mi referencia, mi padre fue mi referencia desde que soy persona, desde chique.

LOCUTOR 1 - SERENO

¿Qué es una persona transmasculina para vos?

ENTREVISTADO 3 - ALEXANDRE

Transmasculino para mí es... ¡Yo! Que me gustan cosas, no es que no me gusten cosas, es que es mi mundo, tipo... ¿Cómo puedo decirte? No sé. Yo nací... Yo digo que nací en el avatar equivocado, ¿entendés? Creo que Dios me jodió bien jodido. O yo lo jodí en la otra vida, no sé qué pensó él. Ahora vos te vas a joder y te vas a quedar ahí. ¿Me entendés? Yo me veo así, me veo afuera. Tanto, que tuve una reunión donde hago... hummm... terapia. Ellos quisieron hacer una reunión. Y había muchas personas trans. Muchos chicos trans y solo se hizo con los chicos trans. Ahí me quedé mirando la escena y dije, hermano, yo no estoy solo en esta!. Pero a mí me parece extraño el comportamiento, la forma de hablar, las jergas. A mí me pareció muy... ¿sabés?, parece que nunca cae la ficha.

LOCUTOR 1 - SERENO

¿Qué ficha es la que no cae?

ENTREVISTADO 3 - ALEXANDRE

De ver personas como uno mismo, que no estás solo.

ENTREVISTADO 4 - CLAUDIO

Yo simplemente estaba jugando con mis amigos y vi a uno bañarse, él tenía un "pi" y yo no tenía, ¿entendés? Ahí le pregunté a mi mamá, y un niño de cuatro años no tiene esa conciencia. Bueno, me acuerdo de haberle preguntado y fue la primera frustración que se generó y se quedó en mi cabeza con un signo de interrogación, te imaginas? ¿Por qué yo soy una niña?, ¿Y si quiero ser un niño, si quiero hacer cosas de niño, si quiero jugar en la calle? Y eso me hace más feliz que jugar sosteniendo las muñequitas. Que era eso, el juego de las niñas antiguamente. Eso no es un juego, quedarse sosteniendo una muñeca, y yo veía eso: no es un juego

quedarme sosteniendo una muñeca. A mí me gustaba jugar a la oficina, jugar al taxista, correr en la calle, subirme al techo, a los árboles... Para mí eso era jugar, no quedarme sosteniendo una muñeca, fingiendo ser la madre de una muñeca. Incluso porque yo decía: no quiero tener hijes, no me quiero casar, porque en mi época era una opresión que era ejercida por los hombres hacia las mujeres. Veía lo mismo en todas las casas, los hombres mandando a las mujeres a callarse la boca y va a hacer lo que yo digo, porque tienes que preguntarme, pedir autorización y no sé qué más, ¿se entiende? Las mujeres tenían una vida de... de opresión. Y en mi cabeza, cuando comencé a interesarme por chicas, pensaba, yo quiero... No quiero hacerlas pasar por eso, de ser golpeada por un hombre, ser diferente, de proteger, de ser caballero y tal. Pero dentro de esa caballerosidad y tal, existe esta parte de la masculinidad tóxica que todos los hombres tienen que autoafirmarse delante de otros los hombres. Y hoy sé que por causa de esa conciencia que adquirí, las mujeres eran muy oprimidas y tal vez tenga que ver con que yo no, yo no. Yo quiero estar al otro lado.

LOCUTOR 1 - SERENO

Xande, ¿qué formas de masculinidad existen para vos?

ENTREVISTADO 5 - XANDE PEIXE

Para mí, la única que existe es la que no es tóxica, que es la que tiene existir. Las otras no deberían existir. Es ser una persona como cualquier otra, y respetar a las demás, respetar... respetar a las mujeres. Creo que, en primer lugar, ser un buen padre, ser un buen hijo, ser un buen hermano, un buen marido. Creo que ser hombre es ser bueno. Solo eso.

LOCUTOR 1 - SERENO

Sí. Y, contame, ¿qué entendés vos por esa masculinidad tóxica?

ENTREVISTADO 5 - XANDE PEIXE

Es aquella por la que fui criado, y no... no copio, esa de que el hombre puede hacer de todo y la mujer nada. Esa desigualdad total que existe, y que tenés que hacer lo que te dé en la mente, lo que te dé la cabeza, ¿entendés? Entonces sí, ya fui muchas veces cuestionado por las bebidas que tomo, "eso no es bebida de hombre, esa no es ropa de hombre, eso no es corte de cabello de hombre"; son muchas idioteces. Entonces, sí, creo que la masculinidad tóxica es eso, poner reglas donde no tiene que haber.

ENTREVISTADO 2 - LEO PAULINO

Mientras haya una mujer andando por la calle en la noche que necesite atravesar la calle porque ve un hombre, no existe masculinidad, todos son tóxicos. Si ella mira al hombre y siente miedo de él, es porque todavía no hay una masculinidad aceptada socialmente, ¿se entiende? Es lógico que empecemos nosotres a deconstruir algo dentro y esa deconstrucción que hacemos, vamos a verla reflejada más adelante.

Entonces, tenemos que pensar que a pesar de la burbuja en deconstrucción en la que nosotres vivimos, que acá todo el mundo respeta, todo el mundo dice: "mira mi pronombre ele/dele, dela/ela", la sociedad, la mitad de ella, lucha contra esa deconstrucción; esa construcción va a tener que ser reproducida, reproducida con el ciclo, con mi ciclo, ahí, con tu ciclo, con el ciclo de él. Cada persona de ese ciclo tiene que reproducir, ¿no? Para ir aumentando y aumentando. Nosotres nos quedamos en esa lucha constante de mostrar que ser hombre no significa ser macho.

ENTREVISTADO 1 - LEO MOREIRA SÁ

Partiendo de la suposición de que todo es cultural. Entonces, el género es una construcción. Entonces, como vos, ¿Cómo es que vos podés pensar en formas...? Yo creo que existe una infinidad. Vamos a hablar de la transmasculinidad. ¿Cuántas personas transmasculinas existen? Existen tantas formas... No hay nada que sea igual en el planeta, en el universo, cada ser humano, cada ser vivo, lo mismo que si es un ser inanimado, es diferente el uno del otro. Entonces, nosotres lo que podemos pensar todo el tiempo es en no reproducir; eso es una cosa que en el inicio de la "transición", entre comillas, porque nosotros no hacemos ninguna transición, siempre fue y siempre será, y solo hacemos algunos, algunos ajustes al cuerpo, en fin, y se afirma de alguna forma. Es... en el inicio hasta yo reproduje, pero eso se fue de a poco, ¿sabés? De a poco, saliendo, saliendo. Eran camadas, camadas de esa performatividad tóxica que acabamos creyendo que es importante tener. Yo... yo soy la misma persona que antes, después y voy a ser siempre. Solo tengo un poquito de barba y estoy sin cabello, me quedé pelado, jajaja!

ENTREVISTADO 2 - LEO PAULINO

No existe nadie acá, que esté en una deconstrucción que sea total. Levantar la mano, la voz es violencia. Vos levantás la voz para una mujer y ella automáticamente se retrae. Porque en la historia del machismo, es levantar la voz y dar una cachetada. El problema es que las personas llevan 10.000 años aprendiendo del machismo y ahora tenemos que deconstruir todo esto.

Y cuando yo digo que soy un hombre trans, digo que yo me reconozco en las masculinidades. Hombre trans es una identidad política. Ser hombre trans es una identidad política. Pero cuando me reconocí en la masculinidad en un pasado, con cinco años de edad, no me reconocí en la masculinidad agresiva de mi padre, que salía golpeando, agrediendo e insultando a todo el mundo.

Yo me reconocí en la masculinidad de mi tío, él era más ponderado, era educado. Y era un tipo que ayudaba a todo el mundo.

ENTREVISTADO 6 - DANIEL

Yo comencé mi transición después de los 40 años, fue con 42. Creí que era tarde, pero todo en el momento justo. La verdad, cuando digo trans, tomando hormonas. Como la barba no es una garantía, entonces cuando no tenía barba, vamos a decir

así, era una, una mujer masculina, Punto. Delante de la sociedad, la sociedad no me veía como un hombre, ¿entendés?

A partir del momento en que comenzó, tanto que en esa época, todavía iba bastante al baño femenino por miedo y tal, no sé por qué. Lo bueno de la pandemia es que me ponía un barbijo en la cara y nadie veía si tenía barba. Entonces ahí está todo bien, hasta con recelo. Pero a partir del momento que empezó a nacer, a nacer la barba, hubo una mirada diferente para con Daniel. Tipo, ah, identificó un hombre, es donde yo contesto que no es porque soy un hombre trans. Y si quisiera dejarme la barba, si no naciera pelo, está to... ¿Está todo bien? El ser humano es diferente el uno del otro, no importa el género, pero vos sos gay, ya escuché eso, yo dije por qué no puedo ser delicado, ¿no puedo?, ¿es que ya soy gay? Yo no y contesto que no lo soy. Fui incorporado dentro de la educación que tenían los antiguos, los padres, los abuelos, y vamos más hacia atrás. Era incorporado, ese sistema patriarcal, que hoy se está quebrando, y tiene que continuar siendo quebrado cada vez más.

ENTREVISTADO 4 - CLAUDIO

Para mí hablar de formas de masculinidad tal vez sea un poco complejo porque como tengo 50 años, vi muchas formas de masculinidad, inclusive me espejé en muchas formas de masculinidad y la mayoría de ellas fue por cuenta de la edad, del tiempo, de la convivencia, del patrón de la sociedad, no es un buen ejemplo, ¿no? Porque yo fui criado dentro de una masculinidad tóxica, donde yo creía que para ser hombre tendría que ser igual a ellos, para ser aceptado, para no ser desafiado, hasta para no ser violentado de alguna forma. Porque yo siempre me asumí como una persona no trans, porque trans para mí llegó hace 10 años, pero una, yo era una mujer masculinizada para ellos y no sé si puedo decir que era una torta, ¿se entiende? Yo quería ser bien masculino, entonces adentro de la sociedad yo era eso. Y siempre me asumí así. Las masculinidades en las que me espejé no eran buenas. Y solo fui a descubrir esto cuando conocí a otros hombres trans. Y ahí entendí que no necesitaba ser de esa forma para ser un hombre, ¿no? Hoy la sociedad cuando me ve no desconfía que soy una persona trans, porque tengo barba, mi estereotipo es bien masculino, ¿no? Hasta las personas trans no me creen que soy trans cuando digo que lo soy. Y hasta las personas trans hacen esa preguntita: ¿vos sos trans? No parece. Entonces, ¿Qué es parecer una persona trans? Es muy subjetivo. Creo que ellas quieren encontrar un subterfugio para decir no. Vos sos muy, tipo sos muy cis. Y tal vez esto también sea un punto de la comunidad trans conmigo. Hoy conociendo a los chicos que conozco, para mí es todo. Una persona transmasculina es aquella que se siente. Ella, ella se siente una persona trans masculina, ella para mí es y no importa si ella estereotipa la apariencia o anda de pollera y uñas pintadas. Si ella me dice yo soy una persona transmasculina, yo voy a respetar el pronombre que le gusta, el masculino. Y con ese pronombre voy a tratarle, porque yo tengo la sensibilidad de preguntar y encontré personas trans que no eran tan estereotipadas como yo. Tenemos que preguntar cómo quiere ser tratada la persona. Entonces, para mí, una persona

persona transmasculina, si ella admite ser transmasculina, la apariencia para mí no importa, lo es, y yo voy a respetarla como tal.

LOCUTOR 1 - SERENO

¿Qué es una persona transmasculina?

ENTREVISTADO 2 - LEO PAULINO

La persona que no nació sujeto (risas), aquella persona que no se reconoce en la cisgeneridad, o mejor todavía, aquella persona que no se reconoce en la imposición del Estado, de un genital, de definir su género, su derecho, su identidad, su expresión de género, y ella nació con una vagina y se reconoce en el género masculino, pero no acepta todas esas imposiciones por causa de un genital. Las personas tenemos que pensar lo siguiente: el genital solo tiene dos funciones. Y, que yo sepa, ninguna de esas funciones es raciocinio, es reproducción de hormonas y procreación. Y sin ese genital vas a sobrevivir, sacate el cerebro... ¿Quién es quién te define? ¿Tu raciocinio? Vos hasta podés decir: "mirá, cisgeneridad, yo nací con una vagina. Me gusta el género femenino, pero no quiero". Porque vos mandás, ¿entendés? Es tu cerebro que llega y te dice así: Ah, no estás bien, vos no te estás sintiendo bien así, y es la única parte de tu cuerpo que es capaz de formular todo lo que podés hacer, y lo que no podés hacer, lo que vos podés ser, lo que no puede ser. El resto es un accesorio adentro del cuerpo. Entonces, no podés ser definido por un genital. ¿Y las personas que nacen sin genitales? ¿Y las personas que nacen con dos genitales?

LOCUTOR 1 - SERENO

Si.

ENTREVISTADO 2 - LEO PAULINO

El Estado va a decir lo que es ser hombre, mujer, macho, hembra, que es por eso que vienen con aquella idea de querer sacar un genital de las personas intersexo y dejar solo uno para poder decir lo que esa persona va a ser. No da para definir a una persona por su genital.

MÚSICA - ALL ICE

Aniquilando todos los enigmas, inseguridades que el sistema nos mantiene practicando

Ese machismo no voy a practicar, aniquilando todos los enigmas, inseguridades que el sistema nos mantiene practicando.

Y ese machismo yo no voy a practicar, aniquilando todos los enigmas.

Inseguridades del sistema que nos mantiene practicando, y ese machismo yo no voy a practicar, heridas abiertas, memorias guardadas, fotos de infancias que fueron

quemadas, niños, atletas o abogadas, que paren las infancias perdidas o aniquiladas, 2021, la misma bala perdida en el barrio. Que pare de aparecer cuerpos transmasculinos suicidados por el Estado a cambio de nada. Jean es asesinado, Jacarezinho. El caso fue archivado.

Yo no voy a ser una víctima más del Estado, del Estado.

LOCUTOR 2 - DANIEL

Acabas de escuchar *Prácticas del cantante*, del compositor All Ice.

LOCUTOR 1 - SERENO

¿Y cuál masculinidad es la que buscas para vivir, en tu vida, en tu día a día?

ENTREVISTADO 5 - XANDE PEIXE

Creo que no, no se trata de una masculinidad, es de mí. Vivir el Xande, un tipo que nació biológicamente mujer y que vive tranquilamente de la forma que siente, sin traer rótulos o ese tipo de cosas, de esa masculinidad que, que las personas intentan inyectarnos. La sociedad, ella, trae para la cuestión de la transmasculinidad una cosa muy mala, que todavía vemos mucho, infelizmente. Yo soy de una época que cuando comencé a discutir la cuestión de los hombres trans, transmasculinidad, eso fue en 2004. Fueron cuestionadas algunas cosas, ahí volvemos y vamos a patinar mucho en esa cuestión de la toxicidad, de la masculinidad, porque fueron impuestas cosas, ¿no? Si yo quería ser hombre, tendría que tener actitudes de hombre, comportamiento de hombre, no podía ser educado; porque vos decís querido, hola, es una cosa, tipo, 'esto no es de hombre'. Entonces esa es la cuestión que la sociedad también trae, esa factura. Ella, ella. Creo que ella persiste y es muy triste, porque adentro del movimiento también existe mucho esa cuestión de la búsqueda de un hombre perfecto. Enfocándose en el punto de que si vos querés ser un transmasculino, vas a querer tomar testosterona, vas a querer tener barba, sacar los pechos, vas a hacerte una histerectomía. Y eso no es la transmasculinidad. Ella no está en el cuerpo. Creo que las personas no tienen que enfocarse en lo que sienten, sino con lo que uno se identifica.

LOCUTOR 1 - SERENO

Me quedé pensando mientras hablabas en esa discusión de cómo es que, adentro de las propias comunidades transmasculinas, las personas acaban reproduciendo esa cisheteronormatividad. Así, de crear ciertos patrones de transición, ciertos patrones de lo que es ser un hombre trans, de lo que es ser un transmasculino. Es casi un check list que las personas tienen que seguir para que la forma de identificación de ellas mismas sea validada por un tercero, ¿no?

ENTREVISTADO 5 - XANDE PEIXE

Si.

LOCUTOR 1 - SERENO

Tipo así, penetrar las mentes, configurar la subjetividad de las personas para que aun aquellos que pasan por la experiencia de la transición de género y de las transiciones que no están tanto en coherencia con esa norma, y todavía se crea una serie de expectativas y de cobranzas realizadas entre nosotres, entre personas transmasculinas, de cuál es la forma correcta o la forma incorrecta.

ENTREVISTADO 5 - XANDE PEIXE

Sí.

LOCUTOR 1 - SERENO

¿Qué es, qué es lo que uno tiene que hacer para que su forma de identificación sea validada, para que sea autorizado por un tercero?

ENTREVISTADO 5 - XANDE PEIXE

Siempre. Es loco, ¿no? Me acuerdo del primer “Encuentro Nacional de Hombres Trans” que hicimos, trans y transmasculinos, que fue la primera vez que fue discutido el asunto de la no binariedad, e incluso se generó un clima tenso. Asumo que yo también dije no, aquí no es un espacio para ustedes. Porque tampoco conseguí asociar como la no binariedad entraría en el tema de los transmasculinos. Y ahí, después, con el tiempo, fuimos conversando y ahí sí, empecé a ver de otra forma. Pero es eso que vos estás diciendo. Instilar la cobranza de la estandarización, sería eso de la estandarización, de qué es ser un hombre trans, de qué es ser un transmasculino.

ENTREVISTADO 1 - LEO MOREIRA SÁ

Ahí está, ¿no? Yo soy una persona que necesito actualizarme porque yo sé que la verdad no existe. La verdad existe dentro de un contexto sociopolítico; ella no existe en otro contexto. Entonces, ese contexto, así como el de las feministas, vamos a hablar de las feministas. Cuando yo participé del movimiento feminista en los años 80, ese contexto, todo eso que se hablaba en ese momento era, era verdad, porque estaba dentro de un contexto sociopolítico, porque yo me acuerdo, que me di cuenta cuánto, cuánto sufrí transfobia sin saber que era transfobia. Las personas, aquellas mujeres. Ellas no me invitaban a las fiestas, ¿entendés? Yo vivía medio, medio que excluido.

LOCUTOR 1 - SERENO

¿Por qué? ¿Eras demasiado masculino?

ENTREVISTADO 1 - LEO MOREIRA SÁ

Porque era demasiado masculino, ¿entendés? Hoy en día ese pensamiento es un pensamiento completamente retrógrado, antirrevolucionario. Entonces es el rad, y es transfóbico. Entonces, la verdad es que nosotres vivimos hace diez años, de una

generación que yo participe, cuando afirmé mi género, esa verdad no sirve más. Sí, y es fundamental que la nueva generación llegue y conteste.

LOCUTOR 1 - SERENO

Sí.

ENTREVISTADO 1 - LEO MOREIRA SÁ

Bien. Entonces es así, la nueva generación tiene que llegar allí, tiene que ser, ella tiene que deconstruir y nosotros tenemos que aprender. Y aprendí mucho, todo el tiempo me coloco como una persona que aprende, que tiene que aprender.

LOCUTOR 1 - SERENO

¿Cómo es que vos experimentás? ¿Cómo es que vos vivís la transmasculinidad hoy en día?

ENTREVISTADO 5 - XANDE PEIXE

Ella no existe. Aprendí que ella no existe. Yo soy Alexandre y soy un tipo que está en medio de la sociedad, viviendo. Y esa cuestión trans para mí ya no forma parte; no forma parte de mí en el sentido de que no necesito estar afirmando, hummm... yo soy un tipo, soy un re marido, tengo una gran esposa, tengo un hijo, tengo un nieto. Yo vivo mi vida así y voy, voy viviendo, saliendo con mi nieta, jugando con mi nieta, cantando con mi esposa, bailando con mi esposa. Yo paré. Llegué a un punto que no voy a explicar más. Yo tenía conmigo una cuestión que, políticamente, para mí, era una cosa de militar, era decir yo soy así y listo.

ENTREVISTADO 4 - CLAUDIO

Mi masculinidad está más leve de cargar esa masculinidad hoy en día para mí. Tal vez, la madurez la haya dejado más liviana que yo ya no necesito más explicar para nadie que yo soy yo y listo. Y es mi esencia. Es eso. Quien quiera ver lo femenino, ok. También está en mí. Al final de cuentas, Ana vivió aquí por mucho tiempo, ¿no? Y hoy es el Claudio que reside. Entonces los dos dividen un cuerpo y lo bueno que quedó de Ana está aquí. Y ahora lo bueno de Claudio también está acá. No es perfecto. Todos los días hay un recomienzo, todos los días es una evolución. Un pensamiento todos los días, es eso, somos humanas.

ENTREVISTADO 2 - LEO PAULINO

Ya no me hago tantas cobranzas como antes. Me cobraba mucho. Tenía que ser masculino, tenía que ser visible, tenía que ser aparente, las personas tenían que reconocer eso. Porque cuando uno está en la fase de la transición para la masculinidad o para la feminidad, las agresiones que uno soportó durante toda la vida, las personas sin reconocer tu género, eso, te deja más dolido; porque uno quiere el resultado de inmediato, uno toma hormonas y quiere ser reconocido, al otro día como un hombre trans o como una mujer trans. Entonces, cada vez que existe una violación a nuestro género, a nuestro pronombre, a nuestro modo de ser,

duele más, porque antes no tenía la posibilidad de hacer la transición. Y ahora que existe, uno quiere ese reconocimiento automático. También es un poco de ansiedad, un poco de ansiedad. Ahora, después de que uno consigue algunas características, uno se queda más tranquilo con quien uno es, porque te das cuenta de algunas cosas, ahí te quedas más relajado con vos mismo.

ENTREVISTADO 1 - LEO MOREIRA SÁ

Para mí género ya no tiene forma. Fue diluido, ¿sabés? Diluido, diluido, diluido. Hoy pienso la transmasculinidad como una forma de movimiento político; ahí, sí, ahí yo puedo decir, puedo hablar, soy una persona transmasculina políticamente, soy una persona transmasculina. Bueno, pero ahora que se convirtió, convirtió en hombre, entonces que esté lejos de las mujeres, lejos del feminismo, porque está reproduciendo, reproduciendo el estereotipo del opresor. Entonces, medio que uno se queda en un vacío, ¿sabés? Sin un lugar. La transmasculinidad, ella tiene ese... esa tendencia de transfobia muy específica, que yo creo que uno tiene que desarrollar esa especificidad dentro de la forma en la cual somos vistos, como somos tratados, invisibilizados, porque somos invisibilizados. Porque, esa es la pregunta. ¿Por qué es que nosotres somos invisibles hasta hoy?

LOCUTOR 1 - SERENO

No sé, me quedé pensando mientras hablabas de un cierto aspecto, de una cierta dimensión, de una invalidación, de nuestra expresión de masculinidad, como si la expresión de masculinidad de las personas transmasculinas fuese una masculinidad menos legítima, menos autorizada, ¿no?

ENTREVISTADO 1 - LEO MOREIRA SÁ

Sí.

LOCUTOR 1 - SERENO

Y en diversos ámbitos, incluso, adentro de los espacios de las comunidades LGBT, ¿no?

ENTREVISTADO 1 - LEO MOREIRA SÁ

Sí.

LOCUTOR 1 - SERENO

Eso es bastante común. No es solo una cuestión que está en el campo de la cisheterosexualidad.

ENTREVISTADO 1 - LEO MOREIRA SÁ

Es como si nuestra identidad fuese vista como una identidad falsa, como si fuese una farsa, La palabra... a ver... la palabra que mejor lo expresa es: farsa. Si vos vas a ver, por ejemplo, los registros, los pocos registros que existieron de personas

transmasculinas en la historia, nunca vas a encontrar, si buscas transmasculino, es mujer que se vestía de hombre y mujer que se hacía pasar de hombre como hombre.

LOCUTOR 1 - SERENO

Eso me hace acordar a una frase de Mauro Cabral, que es un tipo transmasculino, intersexo y activista de Argentina. Él cuestiona, por qué parece que las mujeres y hombres cis, tienen género y las personas trans tienen identidad de género. ¿Qué es lo que está, que es lo que él pretende provocar con esa pregunta? Es mostrar, por qué es que esas identidades cis normativas, o sea, esas identidades de género, esos géneros que están de acuerdo con la norma y con la norma binaria fija y cisheterosexual, como si fuera apenas un dato de la naturaleza, una verdad natural, que esas personas viven, apenas viven. Y nosotres, no, las personas trans, travestis, no binarias, somos las personas que tenemos una identidad de género. Algo que es artificialmente construido, como si las identidades cisgeneras no fueran también artificiales, y lo que estoy queriendo decir con artificiales es que son social y culturalmente construidas. Y nosotres, que somos disidentes, que expresamos género de forma disidente de esa... de esa normatividad, a nosotres nos es atribuida esa característica de falso, de que no es natural, de que no es verdadero.

ENTREVISTADO 6 - DANIEL

Cuando yo me identifique con 40 para 41 años y me identifique como un hombre trans, pude entender quién era yo. Ahí dije, bueno, ¿qué hago con esto? Porque como vos dijiste en 1995, no existía, si existía, no se hablaba, no había información, no había nada. Para ese entonces yo me reconocía como una mujer masculina, tanto que juego con la transición, no cambie ni mi guarda ropa, entonces yo digo bueno, está ahí, qué hago con eso? ¿Qué puedo hacer a partir de ese momento? Ahí comienzan los caminos, buscar un núcleo trans que tuve la suerte de que sea la UNIFESP, porque antes fui en un puesto de salud, en una ciudad del interior. Me atendí con un endocrinólogo que dijo que estaba intentando suicidarme, queriendo hacer la transición. Yo le dije bueno, si yo quisiera suicidarme, estaba buscando un médico para hacer todo de la forma correcta. La persona dijo que no, iba a colocar CMR en riesgo. Entonces ahí uno comienza a tener esas dificultades. Y ahí me cuestioné, dije puts, será que es tarde? Lo mismo que vos dijiste, ¿será que es tarde? Entonces me parece que cada uno tiene su momento, su hora. Es aquella historia de lo que viene para uno va para otra persona. Y mismo si hoy la persona o que sé yo, un niño con diez años, se identifica como un hombre, una mujer trans con 20, que será de aquí a diez años, hoy tenemos más información, está todo bien, porque cada uno tiene su tiempo para entenderse, de saber quién es, quien es para uno mismo, no para el mundo. Porque cuando uno identifica quién es, es para nosotres, no para el mundo. Porque cuando uno identifica, quien es para uno mismo, tipo yo sé quién soy, lalala, y sos más feliz; uno va quedando más y más completo con uno mismo. Si vos no sabés responder preguntas referentes a vos mismo, no va a ser otra persona que lo haga. Ahí, empezás a ver que no es así, no

encaja con lo que el otro dice, porque vos decís que no, pero no consigo sentir esa fluidez de lo que el otro dice. Ahí comencás, hummm... ¿quién soy yo? ¿Quién soy yo, qué? ¿Qué es lo que comienzas a cuestionarte?

LOCUTOR 1 - SERENO

Esa, no sé. Yo creo que estoy elaborando aquí mientras estoy hablando, pero es una visión de que ese proceso necesariamente tiene que ser una llave que cambie de una hora para otra. Si, tipo así, de repente, vos te despertás y tenés una comprensión, una iluminación así de que soy una persona transmasculina. Buen día, vida. Tipo así. Y ahí salís de un lugar y transicionás, así casi como si estuvieses dando un salto de un lado para el otro. Y es tipo así. En mi experiencia no fue así, en las experiencias de varias personas que acompaño, hay una dimensión de proceso muy borrada. Entonces, esa perspectiva de ah, fue tarde, ¿Qué fue tarde? ¿Por qué fue tarde? Porque no tenemos una visión, otro tipo de perspectiva para esa cuestión, para ese movimiento que vamos realizando a lo largo de la vida, van pasando varias, varias etapas, varios procesos, varias capas de comprensión, de experiencias que se van componiendo. Es eso que las personas, qué sé yo, nombra como transición o nombra como autodenominarse trans. Entonces, digamos, qué sé yo, creo que intentar tener esa mirada de un camino que se anda, de un camino que se hace y que cada uno tiene su tiempo, tiene su ritmo, tiene sus pausas, tiene sus reflexiones, sus cuestiones, las ponderaciones que vas haciendo, que vas entendiendo, experimentando un poco aquí, experimentando un poco allá, así. Mi proceso de identificación de género lo percibo como algo que es eterno. Mientras esté vivo, eso va a estar pasando, y va a estar transformándose conforme, qué sé yo, a cosas que tal vez ni imagino todavía, que pueden pasar y movilizarme y llevarme para un lugar diferente en el que estoy.

ENTREVISTADO 6 - DANIEL

Hoy Daniel piensa de una forma que no pensaba hace cinco años atrás y con seguridad que de aquí a cinco años muchas cosas de este presente van a tomar sentido, porque yo no soy el mismo, y no voy a ser la misma persona.

LOCUTOR 1 - SERENO

Es la travesía que nos une, no?, cruzar esa frontera de género, cruzar de frontera, de ese género que nos fue impuesto en nuestro nacimiento y ahí, el camino que cada uno va a elegir, después de esa, a partir, no después, pero a partir de esa travesía, el camino que va, que cada uno va a hacer, donde nos vamos a encontrar, en una playa, en una montaña, en una ruta, que sé yo lo que vamos a encontrar en cada momento, un encuentro del momento. De ahí se sigue para otro camino. Y en otro momento los caminos se cruzan de nuevo. Es muy, muy único. Así, las jornadas son muy únicas. Pero esta experiencia de atravesar de esas fronteras es algo que, que nos une en serio. ¿No te parece?

LOCUTOR 2 - DANIEL

Yo, de Kairos de Castro:

Bañe un cuerpo que no era mío,
vestido y alimentado
Desfile en las pasarelas oscuras de sonrisas odiosas,
me deshice de mi pasado,
construyendo un puente entre manos de espinas y los recuerdos del no yo,
'atransversé'.

Después de cortes de Kairos de Castro y Monalisa Caetano:

La piel llena de cicatrices me tragaba.
No tengo ojos que miran, ni bocas que hablan.
En mi pecho rasgado todos los huecos están tapados.

Parecía alivio.
Pero me acuerdo de Kelly,
que tuvo su corazón arrancado.

Puedes encontrar estas poesías en el zine Após Cortes, lanzado en 2022 en Instagram de Kairos, @KaosdeKairos, Kaos y Kairos con K.

LOCUTOR 1 - SERENO

El podcast Puente de las Transvesias: Transmasculinidades en el curso del tiempo cuenta con el apoyo de Itaú Vivir Más y Portal de Envejecimiento.

LOCUTOR 2 - DANIEL

Y es realizado por Sereno Sofi Respolês en la coordinación, investigación y narración de abertura. Daniel Veiga en los itinerarios, asistencia de investigación y narración de los episodios, Sol Marita Mishyx en la producción ejecutiva y mediación cultural, Mari Crestani en la edición de mixagem, posproducción y arte y Feliz Trovoada como videomaker.

LOCUTOR 1 - SERENO

Participan como entrevistados Alexandre da Cruz Melo, Claudio Galicia, Daniel Corne, Leo Moreira Sá, Leo Paulino y Alexandre Peixe. Esta investigación está vinculada al programa de Posgrado en Salud Colectiva de La Escuela Paulista de Medicina De la Universidad Federal de São Paulo y es financiada por la CAPS.

LOCUTOR 2 - DANIEL

Grabado en el Estudio 111, en São Paulo.

LOCUTOR 1 - SERENO

¡Hasta el próximo episodio!